



# MULHER DE IMPACTO

APRENDENDO COM MULHERES DA BÍBLIA  
A INFLUENCIAR A NOSSA GERAÇÃO.

CRISTIANE TUMA

# MULHER DE IMPACTO

APRENDENDO COM MULHERES DA BÍBLIA  
A INFLUENCIAR A NOSSA GERAÇÃO.

CRISTIANE TUMA

*A todas as mulheres que influenciaram a minha vida e a tantas outras que se deixaram influenciar por mim.*

*À minha bisavó Gláucia, às minhas avós Helena e Ilka e à minha mãe Liane, por plantarem em meu coração a semente do amor a Deus. Às minhas filhas Júlia, Beatriz e Laura, por me darem a oportunidade de continuar semeando.*

# Prefácio

Depois de mais de 3 anos morando no Texas, estávamos de mudança para o Mississippi. Havíamos saído do Brasil - a nossa zona de conforto - em 2012, em busca de sonhos que Deus plantara em nossos corações. Meu marido queria ser anestesista nos Estados Unidos mas eu queria mesmo era “dar um tempo” na Medicina, para me dedicar mais à minha casa e às minhas filhas. Esses objetivos nos levaram a Houston, quarta maior cidade dos Estados Unidos e maior centro médico do mundo.

Nessa caminhada, Deus nos concedeu a graça de realizarmos alguns desses sonhos. Eu fui mãe em tempo integral, exatamente como havia sonhado. Brinquei de boneca, cozinhei, costurei. Fiz tudo o que eu sempre quis fazer com minhas filhas. Vivi o sonho do meu “Período Sabático”.

Mas nessa “nova ordem” que se instalava com nossa mudança do Brasil para os Estados Unidos,

foi preciso adaptar ao estilo de vida da família americana. De repente, não ter mais o estresse do trabalho foi libertador. Mas, a rotina dos afazeres da casa passou a ser penosa. Para uma mulher acostumada com independência financeira e ajuda doméstica, ter que voltar a depender do marido e ficar 24 horas à disposição da família - além de ter uma casa para cuidar “sozinha” - é mais difícil do que parece.

Por não ter tantos compromissos fora de casa, aproveitei para orar mais e ler mais a Bíblia. Foi um tempo de grande crescimento em minha vida. Nessa busca mais intensa, passei a enxergar Deus mais de perto. Mas, também houve muita luta. Momentos em que me senti frustrada. Sobrecarregada. Desanimada. Vida de dona-de-casa não é fácil! Foi em um momento desses que a gente tem vontade de fugir (ou de voltar atrás), que senti algo diferente dentro de mim. Uma sensação que não consigo explicar. Como se eu ouvisse Deus me falando:

“Cuide das minhas coisas, que eu cuido das suas.”

Entendi que este tempo afastada dos meus compromissos profissionais poderiam ser usados por

Deus, para que eu pudesse buscar em primeiro lugar o Seu Reino e a Sua justiça. E em segundo lugar, ajudar outras pessoas a caminharem na fé em Jesus Cristo.

Passei então, a compartilhar com um grupo de mulheres brasileiras as lições que eu mesma estava aprendendo nesse tempo na presença de Jesus. O grupo “Mulheres que oram - Houston” se tornou o meu novo compromisso de trabalho. Para falar a essas mulheres, tive que me preparar com compromisso e dedicação, estudando diariamente a palavra de Deus - e me policiando para vivê-la de verdade.

Longe do consultório, da sala de aula da Universidade e do meu próprio país, me senti “em casa” falando de Jesus a mulheres brasileiras vivendo nos Estados Unidos. Mulheres que queriam buscar a Deus em sua língua materna. Mulheres que Deus cuidadosamente havia colocado a meu alcance. Mulheres para influenciar e para amar. Com backgrounds diversos e distintos estágios da vida, todas elas tinham algo em comum: disposição para aprender mais de Deus e vontade de fazer a diferença no mundo ao seu redor. Aquelas mulheres

me inspiraram a escrever este livro.

Pode ser que você, assim como eu, se sinta muitas vezes frustrada. Desanimada. Sobrecarregada. Pode ser que você ainda não esteja onde gostaria de estar. Tudo bem. Todas nós nos sentimos assim um dia ou outro. Mas, creio que Deus pode usar todos as fases da nossa vida para Sua glória. Ele não precisa do momento perfeito ou do cenário ideal. Deus pode e quer usar nossas experiências (boas e ruins) para influenciar pessoas e impactar o Seu Reino. Afinal, Ele já faz isso há muito tempo!

Foi assim que chegaram até nós histórias milenares de mulheres que marcaram eras, influenciaram gerações e que até hoje nos inspiram. Neste livro, compartilho com você um pouco da vida de algumas dessas mulheres da Bíblia. Meu desejo é aprender com cada uma delas a ser uma mulher inspirada por Deus. Uma mulher que seja luz na vida das pessoas. Uma mulher que expresse as mais variadas nuances do Seu amor. Uma mulher que glorifique a Deus em tudo que fizer. Isso é o que desejo para mim. E é o que desejo para você também.

Eu. Você.

Mulher de impacto.

# Índice

Prefácio

Índice

Introdução

Legado

Mulher de Impacto

A mulher de impacto na Bíblia

CAPÍTULO 1: Floresça onde foi plantado

A serva da esposa de Naamã

Uma flor de menina

Uma menina de valor

“Pra não dizer que não falei das flores”

Floresça onde foi plantado.

O bom perfume de Cristo

CAPÍTULO 2: Sogra e noras

Noemi e Rute

O conto chinês

A sogra

As noras

CAPÍTULO 3: Patrocinadoras do Reino

Joana, Suzana e Maria Magdalena

Falando de dinheiro

Muito Obrigada!

O teste da generosidade

O exercício da generosidade

CAPÍTULO 4: Mil e uma utilidades

Débora

A lista de Débora

De onde vem um bom conselho?

CAPÍTULO 5: Pregadora do Evangelho

Maria Magdalena

Linguagem não-verbal

Linguagem verbal

A boa notícia

A melhor notícia do mundo

Medo ou coragem?

Calar ou Falar?

CAPÍTULO 6: Amiga de Deus

Maria, irmã de Marta

Quedar

O perigo da primeira impressão

Conhecido ou Amigo

Amigos Íntimos

CAPÍTULO 7: Conclusão

Eu e você

Finalizando

# Introdução

“Trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos.”  
(Êxodo 20:5)

O cheiro do café fresquinho perfumava a casa toda. Sobre a mesa, pão de queijo, bolo e brigadeiro. A conversa dos convidados em alto e bom português não deixava dúvidas: estávamos em uma reunião de brasileiros. Nada demais, senão o fato de estarmos no interior do Estado americano do Mississippi.

Era nossa primeira reunião de oração e estudo bíblico na nova cidade. Brasileiros e americanos de diferentes denominações, profissões e idades, unidos pelo único fato de sermos cristãos. Para quem mora fora do seu país, essas reuniões são oportunidades valiosas para buscar a Deus e ter comunhão com os irmãos no conforto da nossa própria língua. Entre uma coxinha e um guaraná, entre uma conversa e outra, a gente que mora no exterior sente o conforto da nossa cultura. É um pouquinho de Brasil onde

quer que se esteja.

Em volta da mesa, o Reverendo Paul Long, pastor que conduzia o estudo, aproximou-se para uma conversa. Fizemos um breve relato da nossa trajetória de Goiânia rumo a Madison...

—Não é comum gente de Goiânia por aqui... — disse o pastor americano, em português perfeito. — Tenho amigos em Goiás - continuou. — Guardo saudosas lembranças de uma cidade em que morei quando criança: Ceres.

Para quem não conhece, Ceres é uma pequena cidade do interior de Goiás. Localizada a pouco mais de 180 km da capital, com 22.034 habitantes de acordo com o último Censo do IBGE, Ceres é também a cidade da minha mãe e onde morei até meus dois anos de idade. Meus avós maternos foram pioneiros na antiga CANG - Colônia Agrícola Nacional de Goiás, colônia que serviu de “celeiro” durante a construção da Rodovia Belém-Brasília.

—Minha família é de lá - eu disse, ainda perplexa com a coincidência. Meu avô foi o primeiro médico da cidade e minha avó, a primeira professora.

O Reverendo fez uma pausa por alguns segundos. E ainda mais perplexo do que eu, retrucou:

—Não me diga que seu avô é o Dr. Jair!

Meu avô era sim o Dr. Jair. Isso significava também que meu avô havia sido o médico de toda sua família no período em que foram missionários no Brasil.

Naquele momento inesperado, estávamos conectando histórias de países diferentes, de terras longínquas, a um oceano de distância. Como se estivesse vivendo um flashback, o Rev. Paul Long contou histórias do meu avô que ainda estavam frescas em sua memória; e de como a minha família era querida pela dele. No meio de muitas lembranças, ele disse:

—Acredita que falei sobre sua bisavó... há duas semanas? Uma santa na igreja de Deus— complementou.

De Ceres-Goiás-Brasil para Madison-Mississippi-Estados Unidos. Aquele encontro improvável não podia ser uma pequena coincidência.

“Dona Gláucia... uma santa na igreja de Deus”.

## **Legado**

“O teu nome, eu O farei lembrado de geração a

geração, e assim, os povos te louvarão para todo o sempre.” (Salmos 45:17)

**legado sm (lat legatum)** 1. Disposição, a título gracioso, por via da qual uma pessoa confia a outra, em testamento, um determinado benefício, de natureza patrimonial; doação "causa-mortis".

Legado é, por definição, de natureza patrimonial. O legado é um título, uma espécie de testamento garantindo ao receptor do mesmo; uma determinada quantia em dinheiro ou um bem. Nosso legado é o que recebemos dos nossos antecessores e, por conseguinte, transmitimos para nossos sucessores. De uma forma geral, entendemos como legado tudo aquilo que se pode transmitir para as gerações que se seguem.

Para melhor compreender a natureza do legado, precisamos nos voltar para nossos relacionamentos. Em nossos relacionamentos, trocamos experiências e histórias: pegamos um pouco dos outros e deixamos um pouco de nós mesmas. As marcas que deixamos na vida das pessoas que convivem conosco

constituirão nosso legado. Mesmo após a nossa morte, as pessoas com quem convivemos seguirão suas vidas levando alguma coisa de nós. Pode ser pouco: uma ideia, uma impressão, uma frase. E pode ser muito: nossos princípios, valores e sonhos. Tudo depende de quão intenso foi nosso relacionamento com cada uma dessas pessoas.

Eu, por exemplo, não me lembro da minha bisavó. Ela morreu quando eu tinha menos de um ano. Não me pareço fisicamente com ela e nem carrego o mesmo sobrenome. Dela, tenho apenas uma foto em preto-e-branco, datada de 1978, em que ela me segura em seus braços. Dela, sei apenas o que ouço,: “Era uma mulher especial”; “Uma verdadeira serva de Deus”; “Uma cristã de verdade”; “Uma mulher sábia.”

Sei, pela minha mãe, que ela ficou viúva aos 36 anos. Após a morte do meu bisavô, Dr. Porfírio, Dona Gláucia viu-se em grande dificuldade financeira. Perder seu marido, que era médico na década de 30, significou ver seu padrão de vida despencar. Como dona-de-casa, teve que sustentar os filhos sozinha em uma época em que não havia muitas opções para a mulher. Eram tempos difíceis.

Sem uma profissão, conseguiu criar seus filhos com dignidade, fazendo crochê e costurando, e mais importante: sempre andando nos caminhos do Senhor. Por não ter condições financeiras e nem mesmo casa própria, passou o resto de sua vida morando nas casas dos filhos.

Para não sobrecarregar nenhum deles, fazia um rodízio constante: morava alguns meses na casa de um, alguns meses na casa de outro. E assim, foi vivendo sua vida, espalhando sua sabedoria, ensinando seus netos a seguirem o caminho de Deus. Sua vida de oração e sua dedicação à Palavra de Deus foi um exemplo vivo para familiares, amigos e irmãos da igreja.

Bivó Gláucia não tinha formação acadêmica. Não frequentou Seminário, não se formou teóloga, não foi pastora. Não tinha título importante na igreja. Não era sequer líder de ministério. Não tinha programa de rádio ou de televisão. Não era uma grande oradora e, infelizmente, nunca escreveu um livro.

Bivó Gláucia era apenas Dona Gláucia, uma serva de Deus que vivia o que pregava e pregava o que vivia. Ela não fez nada surpreendente durante sua

vida. Nada impressionante se encontra em sua história. Não foi uma mulher de descobertas científicas. Não mudou o mundo. Foi uma mulher comum de seu tempo. Esposa, mãe, sogra, avó e bisavó. Mas, foi uma mulher que amou a Deus e influenciou de forma positiva as pessoas à sua volta. Suas palavras de sabedoria, gestos de amor e atitudes de fé foram os ingredientes que fizeram dela uma mulher de impacto.

“Uma santa na igreja de Deus.” —disse o Rev. Paul Long. Aquele pastor que a havia conhecido em sua infância, referiu-se a ela com respeito. “Falei sobre ela há dois domingos.” —dizia ele, quase 50 anos depois do seu último contato com Bivó Gláucia.

Ouvi essas palavras como quem ouve atentamente a leitura de um testamento. De repente, me descobri herdeira de um bem valioso. Do lado de cima do Equador, aquele encontro foi para mim como a transmissão de um legado. E aquele simples diálogo acendeu em mim o desejo de ser como ela. O desejo de ser uma boa influência na vida das pessoas. Aquela mulher, que nunca em sua vida havia saído do Brasil, de alguma forma especial e única tinha

deixado sua marca na vida de uma família que eu acabara de conhecer, quase 50 anos depois. Aquela mulher era minha bisavó.

Com o propósito de glorificar a Deus, ela levou o Evangelho para a nossa família, onde se mantém até hoje. Trinta e cinco anos depois da sua morte, seu testemunho ainda se mostra relevante em minha própria vida. Um tesouro encontrado do outro lado do mundo. Um tesouro que também era meu.

Uma mulher comum que andou com Deus.

Uma mulher que usou as suas oportunidades para influenciar pessoas, semeando sabedoria e espalhando amor.

Uma mulher que viveu e transmitiu o Evangelho para as próximas gerações.

Todas nós, mulheres comuns do século XXI, temos a mesma oportunidade de Dona Gláucia. Estamos o tempo todo influenciando alguém. Se nossas marcas na vida das pessoas causarem danos, deixaremos um legado de dor e feridas na alma, que pode se estender por gerações. Por outro lado, se nossas marcas causarem benefício, deixaremos um legado de amor e de doces lembranças que se estenderão eternamente.

## **Mulher de Impacto**

Mas o que, afinal, significa ser uma mulher que deixa sua marca? O que significa esse impacto no Reino de Deus? Primeiro é preciso entender que impacto no mundo é uma coisa e impacto no Reino de Deus é outra.

Muitas mulheres impactaram o mundo de forma incontestável. Através de grandes descobertas científicas, advogando causas humanitárias, escrevendo obras literárias de valor e de muitas outras formas. O mundo da arte, dos esportes e da ciência está repleto de nomes imortalizados pelos seus feitos. São mulheres dignas de nossa admiração. Mas, nesse livro, não vamos falar sobre elas.

É possível causar um impacto tremendo no mundo sem que isso mova uma folha no Reino de Deus. Mas o que seria então, esse impacto no Reino de Deus?

Gosto da definição do pastor Greg Matte, pastor da Houston's First Baptist Church. "Viver com impacto para o Reino de Deus é viver de uma maneira que

leva os outros a Cristo.” Viver com impacto para o Reino é trabalhar para que as pessoas recebam a Cristo como Senhor e Salvador das suas vidas. Não é só levar as pessoas ao céu - embora isso seja fundamental - mas é também trazer o céu às pessoas. Viver com impacto para o Reino é inspirar pessoas a terem uma relação pessoal com Jesus Cristo. Hoje. Aqui e agora.

Para isso, é preciso entender que a vida eterna já começou.

Por um lado, é preciso lembrar que da vida desse mundo, não levamos nada; apenas deixamos. A oportunidade de exaltar a Deus acaba quando morremos. Por outro lado, uma vida de impacto no Reino de Deus tem repercussões que duram para sempre. O impacto no Reino de Deus é o mais valioso legado que podemos deixar para as próximas gerações. É também a única coisa que romperá a barreira da morte e nos acompanhará em nossa nova vida com o Pai.

## **A mulher de impacto na Bíblia**

Noventa e três mulheres causaram impacto o

suficiente para terem suas palavras registradas na Bíblia. Nem todas contribuíram para uma influência positiva no Reino de Deus. Sabemos o nome de apenas quarenta e nove delas. Juntas, todas essas mulheres falam pouco mais de quatorze mil palavras. É apenas uma pequena proporção do texto completo, correspondente a 1,1% das palavras de toda a Escritura.

Minha primeira reação foi provavelmente, a mesma que a sua.

Um por cento?

Só isso?

Pode parecer pouco, mas a Palavra de Deus é sempre suficiente. Sempre.

Neste livro, quero compartilhar com você as histórias de algumas dessas mulheres.

- Quais mulheres impactaram o Reino de Deus?
- Quais palavras ecoaram por séculos e marcaram eras?
- Quais atitudes inspiraram gerações?

Nas próximas páginas, vamos abordar um pouco sobre a vida dessas personagens bíblicas e encontrar inspiração para a nossa própria vida. Aprender com elas a impactar o Reino de Deus. Antes de entrar em detalhes, tenho um conceito importante para compartilhar com você. Vamos lá.

Deus usou mulheres comuns, de formas variadas, em diferentes posições sociais e em distintos momentos de sua vida pessoal, para alcançar o Seu propósito e impactar o Seu Reino.

Leia de novo.

É uma frase extensa, mas é importante que não seja fracionada.

Refleta.

Repita quantas vezes se fizerem necessárias.

Guarde no coração.

Tenha em mente que este é o conceito sobre o qual toda a nossa conversa vai se basear nas próximas páginas.

Só mais uma vez.

**Deus usou mulheres comuns,**

de formas variadas, em  
diferentes posições sociais e  
em distintos momentos de  
sua vida pessoal, para  
alcançar o Seu propósito e  
impactar o Seu Reino.

Agora podemos começar para valer.  
Pode virar a página.

# CAPÍTULO 1: Floresça onde foi plantado

A serva da esposa de Naamã

“Quando os justos florescem,  
o povo se alegra.”

(Pv. 29:2a)

## **Uma flor de menina**

“Saíram tropas da Síria, e da terra de Israel levaram cativa uma menina, que ficou ao serviço da mulher de Naamã.” (2 Reis 5:2)

Israel lutou contra a Síria uma boa porção de vezes. Em algumas batalhas, o Senhor deu a vitória ao seu povo e em outras, permitiu aos sírios que vencessem. As batalhas eram sangrentas e os israelitas acumularam algumas derrotas catastróficas.

Naquele tempo, a ética de guerra - se é que podemos falar em ética - dava alguns direitos à nação vencedora e levar escravos era um deles. Nos tempos bíblicos, a forma mais comum de escravidão era aquela relacionada com a guerra: povos dominados se tornavam escravos de povos vencedores. Por isso, quando Israel ganhava a batalha, levava cativos muitos estrangeiros. E quando Israel perdia, povos estrangeiros levavam cativos cidadãos israelitas.

É nesse contexto de guerra e escravidão que somos apresentados a essa personagem. A expressão usada

no texto original em hebraico é “qaton naar”, em que “qaton” significa de pouco valor e “naar” significa menina ou moça.

Uma menina sem valor.

Uma menina tão insignificante que nem sequer sabemos o seu nome. Uma prisioneira de guerra separada de seus pais em sua infância e levada à força para um país estranho. Uma menina da qual foi tomado o direito de ter amigas, de correr na rua e de brincar de boneca. A Bíblia se refere a ela apenas como “serva da esposa de Naamã”.

Naamã era o general do Exército da Síria. Ele estava acometido de lepra, doença que naquele tempo, além de estigmatizante, era incurável. A menina, compadecida de seu patrão, resolveu sugerir que ele consultasse o profeta Eliseu para curá-lo de sua doença.

“Disse ela `a sua senhora: Tomara o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria de sua lepra.” (2 Reis 5:3)

Embora a Bíblia não revele o nome da menina e nenhum detalhe do seu passado, este verso nos revela seu caráter. Nessa breve conversa, a menina

escrava mostra quem ela é: uma jovem bondosa que se importava com o bem-estar de seu próximo.

Mesmo que o seu próximo fosse chefe do Exército inimigo que derrotara o seu país e a levara como escrava.

O termo “senhor” no verso citado é o mesmo termo hebraico usado para “dono” e “mestre”. Naamã tinha posse legal sobre a menina. Ela era seu despojo de guerra. Possuída como uma mercadoria. Essa era a trágica posição de uma escrava.

A serva da mulher de Naamã ocupava a mais baixa posição possível na escala social da época. Quatro características ditavam o seu status: era mulher, jovem, estrangeira e escrava. O fato de Naamã ser seu dono poderia tê-la constrangido a se calar, mas isso não aconteceu. Ser escrava não foi empecilho para ela. Nem mesmo o fato de ter sido arrancada de seu país contra sua vontade foi capaz de cauterizar sua bondade. Ela não se importou em estar distante de sua família e não se constrangeu por seus patrões terem outra religião. Simplesmente transmitiu a mensagem de esperança, pura e direta, independente das suas circunstâncias pessoais. Havia cura em Israel e ela queria compartilhá-la.

Em sua fala, seu tom é humilde e resignado. Não há revolta, ódio ou murmuração. Ela não impõe condições. Não negocia sua posição e não pede nada em troca da valiosa informação. Pelo contrário, percebe-se doçura e amabilidade em suas palavras. Mas também se percebe ousadia. Afinal, a menina correu sérios riscos ao sugerir que seu senhor sírio procurasse um profeta em Israel.

Primeiramente, sua senhora poderia ficar enciumada. Poderia se sentir ofendida. Mas vamos supor que sua senhora acatasse sua ideia. Uma viagem a Israel em busca de um profeta desconhecido pelos sírios soava, no mínimo, estranho. Naamã poderia concluir que sua saúde não era da conta de seus serviços. Afinal, ser leproso naquele tempo era um sinal de fraqueza.

O comandante geral do Exército mais poderoso do mundo da época poderia não gostar de se mostrar enfraquecido. E que audácia dessa escrava sugerir que a cura estaria em outro lugar que não na Síria! Não bastasse isso tudo, algo ainda pior poderia acontecer: o profeta talvez não conseguisse curá-lo.

Se naquela sociedade, até mesmo uma rainha poderia ser condenada a morte por aparecer sem ser

chamada (veja Ester 4:11), o que aconteceria com uma escrava por falar sem ser consultada? Não havia direitos civis para uma escrava. E não estamos falando de uma sociedade pautada na liberdade de expressão.

A ideia era ousada. Os riscos eram grandes. Muitas variáveis envolvidas. Mas nada disso impediu aquela menina. Em sua breve aparição no segundo livro de Reis, podemos ver que ela não temeu. Independente de sua posição, ela encontrou oportunidade para expressar o amor e o poder de Deus. E demonstrou sua fé de uma forma impressionante. A mensagem dessa pequena israelita foi direta e sem rodeios. Fé e coragem formam uma poderosa combinação.

Independente de sua posição,  
sempre haverá oportunidade  
para expressar o amor de  
Deus.

De uma forma geral, eu e você somos cidadãos

livres vivendo em países com liberdade religiosa. Algumas são profissionais liberais, outras são donas-de-casa, algumas servidoras públicas, outras, empresárias. Não importa. Em nossas relações de trabalho, temos responsabilidades, mas o fato é que não devemos nenhum tipo de obediência servil a nenhum outro ser humano. Temos nosso direito de ir e vir garantido por lei assim como o direito de nos expressarmos livremente. Podemos ter nossas próprias certezas e somos livres para defender nossas ideias. Ainda que não agradem a todos, temos o direito de dizer o que pensamos.

Não somos escravas de ninguém.

A serva da mulher de Naamã, nossa menina sem valor, não tinha o privilégio da nossa posição. Mas, a doce menina do Antigo Testamento era uma destemida serva do Deus vivo! Ela não escondeu de ninguém a sua fé. Vivendo em condição de escravidão, em nação inimiga, revelou o Deus a quem servia e testemunhou do Seu poder. Sua pequena mensagem inspirou Naamã a buscar o profeta Eliseu e a obter a cura milagrosa de sua doença. (A história completa você confere em 2 Reis 5:1-14.)

O testemunho dessa menina não só trouxe a cura da doença física, mas levou salvação àquele homem.

“Eis que agora reconheço que em toda a terra não há Deus senão em Israel.” (2 Reis 5:15)

Uma atitude de fé que produziu resultados imediatos e eternos.

## **Uma menina de valor**

Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; Para que nenhuma carne se glorie perante Ele. (1 Coríntios 1: 27-29)

Ao levar a mensagem de cura ao seu senhor, a serva da mulher de Naamã expressou fé e coragem. Além disso, sua atitude revela um dos sentimentos mais nobres da humanidade: empatia. A empatia não pode ser caracterizada por uma definição única, pois é um sentimento complexo e multifacetado. Empatia inclui:

- reconhecer a perspectiva do outro;
- abster-se de julgamento;
- respeitar as emoções do outro;
- conectar-se com essas emoções.

Em inglês, há uma expressão fascinante para empatia que, traduzida ao pé da letra seria algo como “andar com os sapatos do outro”. Para experimentar a empatia em todas as suas dimensões, é como se eu precisasse saber onde o seu sapato te aperta e qual o desconforto te causa. Para saber se os seus sapatos te machucam, eu preciso primeiramente, calçá-los. Só assim, posso compreender com mais fidelidade o que acontece com seus pés durante sua caminhada.

Isso significa que, para expressar empatia, eu preciso, primeiro, me colocar em seu lugar. E isso não é de fato, um sentimento – isso é uma escolha. Uma escolha simples, mas que poucos estão dispostos a tomar. Afinal, para assumir a sua posição eu preciso primeiro sair da minha - e isso não é algo que eu queira fazer com frequência.

## Para me colocar em seu lugar, eu preciso sair do meu.

Quando a menina se compadeceu de seu senhor, ela foi capaz de sentir a angústia de Naamã. Ela se transportou emocionalmente para seu lugar, deixando de lado as próprias dores e concentrando seus esforços na dor de seu semelhante. Com toda a certeza, a serva da esposa de Naamã tinha feridas emocionais. Pelo pouco que sabemos da sua história de vida, é muito provável que tinha mágoas e rancores. Ela tinha o direito de se sentir injustiçada. De se sentir revoltada. Ela era uma escrava sem direito algum. Mas ela escolheu não olhar para si mesma. Ao invés de cultivar a autopiedade, optou por olhar para seu próximo: para Naamã e sua lepra. E, no final, teve mais pena dele do que de si própria.

Independente da sua dor,  
sempre haverá oportunidade  
para expressar o amor de

# Deus.

Embora a palavra empatia não esteja escrita na Bíblia com todas as letras, várias passagens trazem termos que significam empatia. Deus é bom, benigno, misericordioso e compassivo. (Salmos 86:5). Bondade, benignidade, misericórdia e compaixão aparecem com frequência nas Escrituras e podem ser entendidos como empatia. Deus é o verdadeiro autor da empatia. E a revelação máxima da empatia de Deus, encontramos na pessoa de Jesus, quando Ele se colocou, de fato e de verdade, em nosso lugar. *"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. O Verbo se fez carne e habitou entre nós."* (João 1:14).

**Jesus Cristo é a expressão  
máxima da empatia de Deus.**

Em Jesus, Deus se sentiu literalmente como um de nós. Em Jesus, Deus não somente calçou nossos

sapatos, Ele percorreu nossos caminhos. Sentiu fome, sede e cansaço. Sentiu tristeza, angústia, e medo. Nisso percebemos a plenitude da humanidade revelada em Jesus Cristo. 100% Deus e 100% homem.

Até chorar, Jesus chorou.

.....

O texto de João 11:35 traz uma das cenas mais conhecidas do Novo Testamento: a Ressurreição de Lázaro. Ele era irmão de Marta e Maria e os três eram amigos chegados de Jesus. Lázaro adoeceu e veio a falecer. Ao chegar na aldeia, Jesus encontrou-se com Marta e Maria. A Bíblia diz que vendo-as chorar, Jesus agitou-se no espírito e comoveu-se. E João nos conta o que aconteceu a seguir na cena poética do menor verso da Bíblia:

## Jesus chorou.

Lágrimas silenciosas escorreram pelo rosto do filho de Deus. Lágrimas que traduzem, com perfeição, a empatia do nosso Salvador. Jesus chorou por

compaixão. Uma das mais belas constatações reveladas em um pequenino versículo: Jesus tem a capacidade de se identificar com o nosso sentimento, de compartilhar a nossa dor e até mesmo de chorar junto conosco. Jesus chorou de tristeza, de pena, de luto. Assim como eu e você também choramos.

O conforto contido nas duas palavras desse verso é poderoso. O conforto de que Jesus está presente em nossas lutas e se importa conosco. Quando somos capazes de fazer o mesmo, nos tornamos semelhantes a Ele.

Não importa onde estamos, alguém perto de nós, também está enfrentando suas lutas. Encarando suas dores e tristezas, precisando urgentemente de compaixão. Pessoas próximas a nós, precisando da nossa companhia, do nosso ombro amigo ou dos nossos ouvidos.

Qualquer uma de nós tem a capacidade de mandar uma mensagem de empatia. Uma ligação, um email ou um convite para um almoço. Uma mensagem de texto, um cartão ou, simplesmente, um abraço. Até mesmo uma lágrima silenciosa mostra que a gente se importa. Pode ser que alguém por perto precise

sentir a compaixão de Cristo. Pode ser que alguém por perto precise de alguém que se pareça com Ele. E pode ser que esse alguém seja você.

“Alegrai com os que se alegram e chorai com os que choram.” - nos aconselha o apóstolo Paulo (Romanos 12:15).

## **“Pra não dizer que não falei das flores”**

E o que isso tem a ver com flor?

É só caírem as primeiras chuvas que as flores já despontam, aqui e ali. Imponentes ou singelas, encantam tanto pelo colorido quanto pela forma. Estão nos jardins bem cuidados das casas e nas praças públicas. Até mesmo no solo dos terrenos baldios, algumas teimam em aparecer. Quem nunca reparou uma frágil e pequena flor se esgueirando entre duras placas de concreto?

Flores não são apenas acessórios de planta. Elas carregam, além da beleza, algumas funções nobres. É das flores, por exemplo, que se produzem frutos e sementes. Em última análise, a flor é o prenúncio do fruto. Sem flor, não há fruto, e sem fruto, não há

semente.

Às vezes nos esquecemos das flores. A correria do dia e a loucura das horas nos fazem insensíveis ao florescer. Nossos olhos não se abrem para este caprichoso “detalhe” da Natureza. Queremos ir direto ao fruto. Muito do que se ouve nos ambientes de trabalho (e até dentro das igrejas) se resume aos frutos: cumprir metas, alcançar números. Vivemos a filosofia do resultado.

Muitas mulheres cristãs têm se deixado levar por esse estilo de pensamento. Preocupadas demais com o fruto, se esquecem de que florescer é necessário. Na Natureza - assim como na vida - não dá para pular etapas. O fruto virá no seu devido tempo, e isto é promessa de Deus para aqueles que o temem, conforme diz o salmista.

“Ele será como árvore plantada junto ao ribeiro de águas, que no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha, e tudo quanto ele faz, será bem sucedido.” (Salmos 1:3)

Enquanto o fruto não vem, precisamos aprender a contemplar a beleza das flores.

## **Floresça onde foi plantado.**

Essa frase, atribuída a Francisco de Sales, cristão que viveu no século XVI, não se encontra na Bíblia. Mas, apesar de não ser um provérbio de Salomão e nem mesmo um conselho de Paulo, ela representa um princípio que pode ser perfeitamente aplicado a vida da mulher cristã. Então, digo a você: Floresça onde foi plantada!

*Onde mesmo?*

Para florescer, não é necessário mudar de lugar, ou de terreno. Você não precisa mudar de cidade, Estado ou país; não precisa trocar de emprego, de amigos ou de família. Você pode florescer exatamente onde está: na sua igreja, na sua família e no seu ambiente de trabalho. Foi Deus que plantou você aí e Ele mesmo lhe dará os recursos necessários para crescer, florescer e frutificar.

Já perceberam que a maioria das desculpas que damos a Deus se referem às nossas circunstâncias? Ao nosso lugar? O terreno onde estamos nunca parece apropriado para florescer. As condições não nos parecem boas o suficiente. Apoiados nessa

desculpa, nos armamos de condições.

- Se eu morasse em outro lugar...
- Se meu marido mudasse...
- Se meus filhos colaborassem...
- Se meu chefe fosse mais compreensivo...

Ao fixarmos nossos olhos no terreno, chegaremos sempre à mesma conclusão: ele não é perfeito. Nunca será. Vivemos em um mundo imperfeito habitado por pessoas imperfeitas. Mas, a serva da mulher de Naamã não se limitou por nenhuma condição de seu terreno. Seu terreno era totalmente inapropriado. Na verdade, era completamente inóspito. A conjuntura era plenamente desfavorável. Mesmo assim, ela floresceu porque considerou como território ideal o exato local onde estava plantada.

*Qual é seu território?*

O meu primeiro território de influência é minha família: meu marido e minhas filhas. Depois, meus irmãos, minha mãe, meus parentes, sogros, cunhados e cunhadas: minha família estendida.

Também incluo em meu território minhas amigas e vizinhas. E, de uma forma particular, mulheres brasileiras que vivem nos Estados Unidos. Por último, meu mais recente território de influência é você, que está lendo este livro.

O seu território de influência pode ser semelhante ao meu. Ou pode ser diferente. Pode ser também que você tenha um território especial: seu grupo de estudo, seus colegas de classe. Pode ser seu trabalho, sua vizinhança, suas amigas da ginástica. Eu não sei. Mas sei que qualquer que seja o seu terreno, qualquer que seja o seu lugar, tenha a plena certeza de que Deus é capaz de fazer você florescer.

E, a não ser que Deus tenha um chamado específico para você, como o de ser missionária em terras distantes, Ele espera que você floresça exatamente onde foi plantada.

## **O bom perfume de Cristo**

No momento em que eu escrevia este capítulo, uma flor única ocupava os noticiários nacionais dos Estados Unidos. A qualquer momento, no jardim botânico de Chicago, Illinois desabrocharia a maior

flor do mundo.

*Amorphopallum titanium* é a maior flor jamais conhecida. Quando não está florida, a planta pode chegar a 6 metros de altura. Uma única flor chega a medir 3 metros. A planta pesa em média 50 quilogramas, com um exemplar histórico tendo atingido a marca de 91kg! Nativa da Indonésia, a planta floresce a cada 10 anos, o que torna esse momento ainda mais cobiçado. Botânicos do mundo inteiro se reuniram em volta de “Spike”, nome que deram à tal flor de Illinois.

O que torna essa flor ainda mais especial é o seu aroma. Ao florescer, essa enorme inflorescência exala um cheiro de... cadáver! Isso mesmo, você leu corretamente. O cheiro de “Spike” é semelhante ao de um animal em estado de putrefação. Para se ter uma ideia, estudiosos comparam seu aroma a queijo estragado, meias sujas e peixe podre. Eca!

Por mais repugnante que pareça, o aroma pútrido da flor-cadáver não tem a intenção de repelir humanos. Seu aroma serve apenas para atrair moscas e besouros - seus polinizadores naturais - além de animais que se alimentam de restos de outros animais mortos, como abutres e urubus.

Uma flor especial e única conhecida pelo seu aroma... cadavérico! Uma flor tão grande e bela, que poderia muito bem ser conhecida por sua imponência! Entretanto, o que mais chama a atenção é a natureza de seu aroma.

E você? Tem cheiro de quê?

Em sua Segunda Carta aos Coríntios, o Apóstolo Paulo nos dá a resposta ideal para a pergunta.

“Porque para Deus somos o bom perfume de Cristo, nos que se salvam e nos que se perdem.”  
(2 Coríntios 2:15)

Se vivemos próximos de Jesus, inevitavelmente teremos seu perfume. Quanto mais tempo passamos com Ele, mais adquirimos o seu “aroma agradável”, o bom perfume de Cristo a que Paulo se refere. E uma coisa é certa: o perfume de Jesus atrai as pessoas.

O perfume que exalamos impacta as pessoas à nossa volta.

O mesmo vale para quando estamos longe de Cristo. Longe de nosso Mestre, somos flores sem perfume. Mesmo grandiosas e imponentes, sem Jesus não temos perfume algum - se é que

conseguimos florescer. Longe dEle, estamos espiritualmente mortos. E pior do que não ter perfume, é ter cheiro desagradável. Cheiro ruim. Aroma cadavérico. Exatamente como o de “Spike.”

*A nossa essência é o Senhor.*

Uma flor de menina trouxe um bom perfume a uma casa na Síria quase 3.000 anos atrás. O seu aroma de fé, intrepidez e empatia invadiu a casa de Naamã e mudou a vida daquela família.

Qual perfume estamos dispostas a exalar hoje?

CAPÍTULO 2:  
Sogras e noras  
Noemi e Rute

“Teu povo será o meu povo,  
teu Deus será o meu Deus.”  
(Rute 1:16)

## O conto chinês

*Anora estava enfrentando problemas sérios com a sogra. Desde que sua sogra viera morar junto com ela, a relação entre as duas complicou. Brigas e desentendimentos tornaram o relacionamento insustentável. A cada dia, a sogra se tornava mais orgulhosa, egoísta e intrometida. Quando já não aguentava mais, a nora foi procurar ajuda profissional: se aconselhou com um farmacêutico de seu bairro para pedir que ele lhe preparasse uma droga mortal, um veneno para acabar com a vida de sua sogra.*

*Após perguntar o motivo de sua visita, a nora finalmente confessou: “Quero matar minha sogra. Mas, não posso deixar suspeitas.” O farmacêutico ouviu a moça com atenção. Depois de estar a par da situação, prosseguiu silenciosamente e preparou uma fórmula com ervas mortíferas. Entregou a garrafa à nora com um conselho: “Não dê a ela tudo de uma vez. Vá adicionando aos poucos nas refeições e na bebida de sua sogra. Para não levantar suspeitas, seja amável. Faça-lhe*

*companhia durante seu café da manhã. Puxe assunto durante o almoço, ofereça ajuda sempre que preciso. Em algumas semanas o veneno fará efeito e não deixará suspeitas.*

*A nora ficou satisfeita e foi para casa radiante. Finalmente ficaria livre daquela megera! Nos dias seguintes, ela fez exatamente conforme o farmacêutico havia recomendado. Com o passar do tempo, sua sogra parecia mais compreensiva. Durante algumas refeições, sogra e nora, passaram a conversar, dividindo suas histórias e compartilhando algumas risadas. A sogra não parecia mais tão impertinente. Aliás, a nora estava até gostando de sua companhia! Não é que a sogra tinha bons conselhos?*

*Desesperada, a nora foi encontrar-se novamente com o farmacêutico. Arrependida, pediu-lhe algo para reverter o efeito do veneno. A sogra não poderia morrer! Era uma boa pessoa! A nora chorava desesperadamente, quando o farmacêutico finalmente lhe disse: “Não se preocupe, filha. Não havia nenhum veneno na fórmula. O veneno estava apenas em seu coração. A prática do amor, da paciência e da compreensão foi capaz de restaurar*

*seu relacionamento com sua sogra.”*

*A nora sorriu, agradeceu e voltou para casa.*

A história acima foi adaptada de um conto chinês. Mas nem só na China vivem noras orgulhosas e sogras intrometidas!

Noras e sogras; sogras e noras.: o relacionamento familiar mais conturbado de todos os tempos. Mas não precisa ser assim... Temos muito a aprender com Rute, que nos exemplifica qual deve ser o modelo bíblico desse relacionamento.

“Disse porém Rute: Não insistas para que te deixe e nem me obrigues a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.” (Rute 1:16-17)

Por ser um belo exemplo de fidelidade, os versos acima proferidos por Rute, estão presentes em muitos convites de casamento hoje em dia. Poucas

mulheres se lembram, porém, que essa frase foi uma declaração de amor e lealdade não de uma mulher para o seu amado, mas de uma nora para sua sogra!

A História é mais ou menos assim: Por volta de 1.200 a.C., ainda no tempo dos Juízes, antes que houvesse rei em Israel, o povo de Judá passou por um período de grande fome. Um homem chamado Elimeleque partiu com sua esposa Noemi e seus dois filhos, Malom e Quiliom e foi morar em Moabe, uma nação pagã inimiga de Israel. Elimeleque faleceu, deixando Noemi e seus dois filhos morando em terra estrangeira. Malom e Quiliom se casaram com mulheres moabitas. Após 10 anos em Moabe, morreram também os filhos de Elimeleque, ficando apenas Noemi, a sogra e suas duas noras, Orfa e Rute, que eram estéreis.

## **A sogra**

Sem marido e sem filhos, Noemi resolveu então voltar a Belém, a terra de seus parentes. Suas noras - Rute e Orfa - estavam livres para recomeçarem suas vidas em Moabe, sua terra natal. Poderiam voltar aos seus velhos costumes e a suas famílias.

Quem sabe conseguiriam um novo casamento e teriam filhos.

Mas as noras moabitas não queriam deixar a sogra voltar sozinha para Israel; insistiram em ir com ela. Noemi pediu a elas que voltassem, chegando a se despedir delas com um beijo. A Bíblia nos relata que as noras “choraram em alta voz” e Noemi as abençoou. Depois de muita insistência, Orfa finalmente partiu de volta para a casa de seus pais. Mas, não Rute.

É nesse contexto que Rute diz a sua sogra o que se tornaria um dos versos mais lindos sobre lealdade que vemos na Bíblia:

“Não insistas para que eu te deixe e nem me obrigues a não seguir-te; porque, aonde quer que fores, irei eu e, onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu e aí serei sepultada; faça-me o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separar de ti.”

O livro de Rute é um verdadeiro manual de instruções para relacionamentos familiares. O

compromisso e a fidelidade de Rute são alguns dos temas destacados do livro. Sua atitude abnegada, a renúncia de seus direitos e seu compromisso irrestrito a Noemi são inspiradores. A vida de Rute nos oferece uma profunda lição sobre lealdade e amizade verdadeira. Rute é um verdadeiro exemplo para todas nós na posição de noras, filhas ou amigas. No entanto, no primeiro capítulo do livro de Rute, a mulher de impacto em destaque não é Rute, a nora. É Noemi, a sogra.

Noemi, cujo nome significa “agradável”, era uma israelita vivendo em Moabe. Sabemos também que era uma dona-de-casa, a única profissão possível a uma mulher naquela sociedade. Uma imigrante criando seus filhos longe de seus familiares, em uma terra estranha. Uma estrangeira habitando com um povo de outra cultura, outra língua e outra fé. Talvez, parecida com algumas de nós.

No auge de sua vida, Noemi perde seu marido. Em uma sociedade cruel para uma viúva, ela não tinha direito de trabalhar para seu próprio sustento. Morria o marido, perdia-se não somente o amor, mas também a provisão. Ao menos, Noemi ainda tinha filhos que poderiam cuidar dela. Mas, o

conforto da companhia dos filhos durou pouco. Não bastasse a viuvez, Noemi também perdeu seus dois únicos filhos.

Perder um filho é possivelmente a maior dor que uma mulher pode experimentar. A dor de uma mãe que enterra seu filho é algo que eu não consigo descrever. Este foi, com toda a certeza, o ponto mais triste e desesperador da vida de Noemi. Perder seus dois filhos foi como perder o sentido da vida. Sem marido, sem sustento, e além de tudo sem filhos, Noemi se sentiu tão deprimida e triste que quis até trocar de nome. Não havia mais nada de agradável nela.

“Não me chameis Noemi. Chamai-me Mara, porque grande amargura tem me dado o Todo-Poderoso.” (Rute 1:20)

Noemi seguiu para Belém acompanhada apenas de sua nora. De tudo que se poderia ser, Noemi era apenas sogra.

A sogra.

A pessoa menos desejada na relação familiar. A maior dor-de-cabeça do casamento. A maior fonte de problemas. O mais famoso motivo de piada. A

opinião mais temida e menos desejada. O maior motivo de brigas e desentendimentos. É o que dizem as estatísticas...

Não foi o caso de Noemi! Noemi foi mais que uma simples sogra. Foi uma boa sogra. Embora a Bíblia não fale claramente de suas qualidades, avalie você mesma: depois da morte de seus filhos, nenhuma de suas noras quis deixá-la.

Até Orfa (cujo nome quer dizer obstinada) quis segui-la. Foi preciso muita insistência da parte de Noemi para que Orfa voltasse para casa de seus pais. Mas, nem mesmo o clamor insistente de Noemi foi capaz de convencer Rute a separar-se dela. A influência daquela sogra sobre sua nora havia sido tão marcante, que Rute não via outra opção que não fosse seguir a vida com ela.

Noemi foi uma sogra especial. Sua presença em todos esses anos havia sido, literalmente, agradável. (Ao ler o livro completo de Rute podemos comprovar). Seus conselhos foram sábios; sua atitude, paciente; suas palavras, doces. Ao longo dos anos, desenvolveu-se uma ligação entre Noemi e suas noras, que extrapolou o simples relacionamento familiar. Como resultado desses anos de amor e

dedicação, uma bela amizade surgiu.

Como fruto desse relacionamento familiar impactante, Rute não apenas deixou o seu país para acompanhar sua sogra e amiga. Ela também deixou seus deuses pagãos e aceitou o Deus de Israel. “Seu povo será o meu povo, seu Deus será o meu Deus.” Isso mudou para sempre a sua história. E a nossa.

As ações de Rute - sua renúncia e seu compromisso - foram decisões pessoais. Em última análise, cada um é responsável pelos seus atos, quer sejam de bons ou maus. Mas, a atitude de Rute é também resultado da influência positiva que alguém exerceu em sua vida. Alguém que a amou e a respeitou profundamente. Alguém que não a culpou por sua esterilidade; que não a julgou por sua religião. Alguém que pacientemente semeou em sua vida: sabedoria, tolerância e amor. Este alguém foi Noemi, sua sogra.

De certa forma, as atitudes de Rute - embora pessoais - refletem as ações de Noemi. Seu papel de sogra, desempenhado com amor e fidelidade ao Deus de Israel, certamente inspirou e contribuiu para cada uma das sábias decisões de Rute.

## Uma vida de fidelidade a Deus é sempre inspiradora.

Na história bíblica, o relacionamento entre uma sogra e sua nora acende uma luz sobre o tema da influência de uma mulher no Reino de Deus. Sogra ou nora, estamos sempre influenciando umas às outras. É de se pensar que a maior sabedoria esteja nos mais velhos, o que nem sempre é um fato. Existem algumas ocasiões em que noras são mais maduras do que sogras. Por outro lado, existem muitas sogras sábias e noras tolas.

O que realmente faz a diferença na vida de uma pessoa, quer seja jovem ou idosa, sogra ou nora, não é seu tempo de vida. Idade nunca foi medida de maturidade espiritual. O que faz a diferença na vida de uma mulher é o seu tempo com Deus.

Conhecer a Deus foi o que fez a diferença no caráter de Noemi. Quem conhece o Deus verdadeiro, deve se espelhar em seu exemplo. E isso deve acontecer independente da sua posição na relação familiar - nora ou sogra, mãe ou filha. Se

você é a pessoa que conhece o Deus de Israel, a responsabilidade é sua, não importa sua idade. O chamado para ser paciente, compreensiva e sábia é seu. Se você é pessoa que conhece o Deus vivo, é você que tem a tarefa de influenciar de maneira positiva a vida das pessoas à sua volta - especialmente a vida dos seus familiares.

## **As noras**

Podemos definir Rute em duas palavras. A primeira delas é COMPROMISSO. Rute foi a nora que acompanhou Noemi no seu trajeto de volta para Belém. Mesmo tendo a opção de ficar em Moabe, seguiu com ela. Mesmo estando livre para buscar seus próprios interesses, preferiu apoiar sua sogra no doloroso e desconhecido caminho de volta.

Rute era uma jovem viúva e sem filhos. A ela foi dado o direito de recomeçar, voltando para casa de seus pais para casar-se novamente. Mas, ao invés de ficar em sua zona de conforto, na terra de sua família, Rute optou por seguir rumo ao desconhecido. Ela preferiu acompanhar sua sogra, quando Noemi já não tinha mais nada a lhe oferecer.

Um compromisso de amor totalmente isento de interesses.

Rute não foi forçada a estar do lado de Noemi. Pelo contrário, a ela foi concedida liberdade para viver a vida que escolhesse. Noemi, como mulher sábia e bondosa, queria a felicidade e o bem de sua nora. Mas, a atitude de Rute foi a de alguém que amava a companhia de sua sogra e amiga e valorizava sua amizade mais do que seu próprio conforto. Seu amor foi baseado em escolhas e não em sentimentos.

A segunda palavra que define Rute é RENÚNCIA. Para apoiar a sogra, Rute renunciou ao seu direito de recomeçar. Rute seguiu Noemi por amor, e para isso, abriu mão dos seus próprios direitos. Para Rute, não existia felicidade sem sua amiga Noemi. Sem sua presença, seus conselhos sábios e suas palavras serenas, Rute não seria plenamente feliz.

O amor muitas vezes se  
expressa por escolhas e não  
por sentimentos.

Assim como Noemi, Deus também não nos força a um relacionamento com Ele. Deus não nos pressiona para que sigamos o Seu caminho. Ao longo da nossa vida, Ele nos deixa à vontade para fazermos nossas próprias escolhas. Orfa, por exemplo, escolheu voltar para sua casa, para seus velhos costumes e hábitos. Orfa preferiu a zona de conforto, enquanto Rute escolheu o desconfortável caminho do desconhecido.

A decisão de Rute não levou em consideração o que Noemi podia lhe proporcionar. Ela a seguiu sem garantias. A nossa decisão de seguir a Deus também não deve levar em conta o que Ele pode nos proporcionar. Apesar de sabermos que Ele é Todo-Poderoso e dono de todas as coisas, esse não deve ser o real motivo que nos leva para junto dEle. Essa não deve ser a razão para deixarmos nossos velhos hábitos e optarmos pelo novo e vivo caminho. É bom lembrar que Deus não nos garante um caminho tranquilo, caso façamos a opção de segui-Lo. O caminho com Deus também é desconhecido - e muitas vezes desconfortável.

# Uma mulher de impacto segue a Deus por quem Ele é.

Uma mulher que vive com o propósito de glorificar a Deus, segue-O por Sua companhia. Ao seguirmos a Deus com o compromisso de renunciarmos a nós mesmas, trazemos para dentro de nós a vida plena. E quando vivemos a plenitude da vida nEle, também influenciaremos outras pessoas.

Não se engane: Orfa também foi uma boa nora! Orfa amava sua sogra, e assim como Rute, também não quis deixá-la. Assim como Rute, Orfa estava disposta a seguir Noemi. Foi preciso muita insistência para que ela finalmente seguisse seu próprio caminho.

Como leitoras da Bíblia, somos um pouco duras com Orfa. Prontas para atirar a primeira pedra, julgamos Orfa uma “nora infiel” que foi incapaz de seguir sua sogra. Orfa não fugiu. Orfa não abandonou Noemi. A opção de ir embora foi apresentada a ela. Voltar à casa de seus pais parecia

ser o mais razoável naquela situação. Buscar a própria felicidade não é pecado!

Orfa tinha, de fato, “grande afeição” por Noemi. O texto bíblico nos revela isso ao nos contar que Orfa chorou copiosamente ao deixá-la, demonstrando seu afeto e seu carinho. Porém, tudo foi uma questão de prioridade: Orfa valorizou mais o seu próprio conforto e segurança do que a fidelidade à sua sogra. Em uma escala de valores, Orfa colocou em primeiro lugar o amor por si mesma. Optou por amar Noemi de longe, pois não estava disposta a se sacrificar por sua sogra.

Orfa exemplifica o amor baseado em sensações. O amor que se demonstra em abraços e lágrimas, porém é incapaz de sacrifícios.

A história de Orfa e Rute sempre me remete à velha brincadeira sobre os ovos e o bacon no tradicional café-da-manhã norte-americano.

Vamos lá: “Qual a diferença fundamental entre os ovos e o bacon?”

A resposta: “A diferença é que a galinha está envolvida e o porco está comprometido.”

A explicação: ovos e bacon são produtos diretos de galinhas e porcos. A galinha está fortemente

envolvida no café da manhã pois seus preciosos ovos são a base de prato principal. Ninguém pode negar que a galinha trabalhou duro para o seu café-da-manhã. Mas, o porco está verdadeiramente comprometido. Comprometimento irrefutável, pois o bacon nada mais é do que o próprio porco. Ninguém pode negar que o porco deu a vida pelo seu café-da-manhã!

Em nossa vida com Deus, com frequência, somos mais parecidas com Orfa e, em uma comparação grosseira, também com a galinha. Ninguém pode negar que temos grande afeição por Jesus! Amamos a Deus, sim! Muitas vezes estamos até dispostas a trabalhar para Ele. Trabalhar duro, até. Desde que não nos custe nada muito sério, claro. Desde que Ele se encaixe nos nossos planos, claro. Desde que Ele atenda nossos pedidos, claro. Desde que a gente tenha tempo livre, claro. Desde que estar com Ele não nos custe nossa felicidade pessoal. Claro!

.....

Recentemente, ouvi um pastor falar sobre a Perseguição à Igreja no Paquistão. Assistimos a um vídeo sobre um casal de cristãos brutalmente

assassinados naquela país pelo único fato de professarem sua fé em Jesus. Na tela, uma repórter contava a história das vítimas: jovens pais queimados vivos na frente de seus próprios filhos.

Mesmo com a barbárie praticada contra estes e tantos outros, os cristãos daquele país continuam fiéis. A própria repórter que visitava o local do assassinato era cristã (e também irmã do referido pastor). Ao ser perguntado se ele não tinha medo dos perigos de seguir a Cristo em seu país natal, ele respondeu com um versículo.

“Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” (Apocalipse 2:10)

“A perseguição vale a pena”- dizia ele.

Pregando em uma igreja Americana, no Sul dos Estados Unidos, lugar conhecido como Bible Belt (cinturão da Bíblia) a região mais religiosa de toda a América, ele aproveitou para fazer uma pergunta simples, que nos deixou pensativos.

“Quanto te custa seguir a Cristo?”

Ele não estava falando de dinheiro. A Igreja americana é uma igreja rica e generosa, que financia missões ao redor do mundo mais do que qualquer outra nação. Aquele pastor falava de outro tipo de custo. Outro tipo de preço. Uma moeda mais valiosa. Os cristãos do Paquistão estão pagando com a própria vida.

Se seguir a Cristo até hoje  
ainda não te custou nada,  
provavelmente você não está  
seguindo a Cristo de  
verdade.

Essa pergunta me incomoda, porque sinto que sei a resposta, mesmo que eu não a diga. Muitas vezes, não estou disposta a convidar minhas vizinhas para um evento da igreja. Não ousou compartilhar Jesus com meus amigos ateus. Não ofereço a minha casa para receber pessoas e falar do Evangelho com elas. Não estou disposta a “passar vergonha”. Não quero

proclamar a minha fé em meu próprio país, onde tenho liberdade de expressão e de religião. Seguir a Cristo, de fato, tem me custado muito pouco.

Quase nada.

Frequentemente, seguimos a Jesus porque é conveniente, porque é socialmente aceitável e até mesmo, culturalmente esperado. Mas, quando seguir a Jesus Cristo nos exige algum tipo de sacrifício pessoal, pensamos duas vezes. Ou três. E então percebemos o quão parecidas com Orfa nós somos!

*Seguimos a Cristo como Orfa.*

O Cristianismo moderno, de uma forma geral, se parece muito mais com Orfa do que com Rute. Em Orfa, houve grande afeto por sua sogra, aquele amor baseado em sentimentos. Mas não houve a abnegação necessária para um compromisso de vida com ela, não houve amor baseado em escolhas.

Estima-se que 163 mil cristãos morram anualmente em países onde o Cristianismo é proibido. Muitos morrem simplesmente por abrirem a porta de suas casas para reuniões de oração, outras apenas por possuírem uma Bíblia. Outros ainda por falarem de Jesus para seus vizinhos.

Mas, qual seria o crime dessas pessoas?

O crime de professar Jesus Cristo como seu único e suficiente Salvador. Crime cuja pena é a morte.

Em países onde a perseguição à Igreja é uma realidade, o Cristianismo é uma minoria. Nos últimos anos, o número de cristãos caiu de 20-40% para menos de 1% nesses países. As pessoas desistiram de ser cristãs? Não. A razão para tamanha queda é assustadora: os cristãos fugiram ou foram mortos por seus perseguidores. Perseguição não é coisa da Igreja Primitiva no início do primeiro milênio. Perseguição é coisa que acontece hoje em dia. E está acontecendo agora, enquanto você lê este capítulo.

Enquanto isso, no Ocidente, entoamos canções apaixonadas e erguemos as mãos para Deus em devoção. A igreja ama a Cristo e quer estar com Jesus pelo que Ele tem a oferecer. É certo que Deus quer nosso bem e nossa felicidade, mas isso tem se tornado quase um “mantra” no meio dos cristãos ocidentais. Deus passou a ser apenas um meio para alcançar objetivos. Prosseguimos felizes e mimadas por um Deus que realiza nossos sonhos e desejos, quase como um gênio da lâmpada.

Se precisamos tomar uma posição que sacrifique

nossos projetos pessoais, nós falhamos. Quando somos chamadas para ser luz do mundo, com frequência, não aceitamos porque, no fundo, não queremos nos consumir em nenhum aspecto. E nos esquecemos que “não é possível para uma vela iluminar um ambiente sem se consumir.”

“Choramos alto” e abraçamos a Deus, por quem temos grande afeto. E, então, nos despedimos dEle, seguindo nosso próprio caminho. Nossa própria felicidade. Exatamente como Orfa.

Não tenho a pretensão de convocar nenhuma de vocês para arriscarem suas vidas em países perseguidores da Igreja. Essa é uma necessidade real, mas não é o propósito deste livro. O campo existe e precisa de gente, mas o chamado não é para todas. Minha intenção é apenas lembrar a cada uma de nós - inclusive a mim mesma - que ainda existe um custo em seguir a Cristo. “Ainda existe uma cruz”.

E não é preciso estar no Paquistão para experimentar, mesmo que em uma proporção infimesimal, um pouco desse custo. Chegarão momentos em nossa vida com Deus em que teremos que tomar decisões difíceis por amor a Cristo. É

inevitável.

A primeira delas é a de aceitá-lo como Único e suficiente Salvador e confessá-lo publicamente.

“Se, com tua boca, confessares que Jesus é Senhor, e creres em teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo! Porque com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação.” (Romanos 10: 9-10)

Aceitar nossa dependência dEle, anunciando ao mundo a nossa insuficiência é o primeiro sacrifício da nossa caminhada. Embora, a partir deste momento, a salvação seja imediata, muitas outras decisões difíceis seguirão. As escolhas continuarão ocorrendo em nosso dia-a-dia. *A salvação é imediata, mas a santificação é um processo.*

Haverá situações em que teremos que provar se somos seguidoras de Jesus Cristo, de verdade. Nossos valores serão postos à prova. Escolheremos o caminho estreito? Vamos com Ele até o fim? Ou vamos seguir nosso próprio caminho?

Somos Rute ?

Ou somos Orfa?

Orfa volta para a casa de seus pais, para seus costumes e seus deuses. Sua decisão confortável lhe garante a segurança do retorno, mas a tira das páginas da Bíblia. De Orfa, não se sabe mais nada.

Quanto a Rute, Deus reservou para ela grande honra. Deus fez de Rute parte essencial do seu maravilhoso plano de Redenção. Rute, a estrangeira, infértil e pagã. Rute se compromete com sua sogra, e faz aliança com o Deus verdadeiro. Como consequência dessa difícil e acertada escolha, de sua renúncia e compromisso, Deus lhe garante uma vida nova. Rute se casa com Boaz e se torna mãe de Obede, avó de Jessé e bisavó do grande Rei Davi. Porém, mais sublime do que isso, Rute se torna antecessora do eterno Rei dos Reis. Ela é uma das cinco mulheres citadas na genealogia de Cristo.

Renúncia.

Compromisso.

Escolhas que mudaram a História da Humanidade.

# CAPÍTULO 3: Patrocinadoras do Reino

Joana, Suzana e Maria  
Magdalena

“Você não sabe que Deus  
confiou a você todo esse  
dinheiro (além do que supre  
as necessidades de sua  
família) para alimentar os  
famintos, vestir os nus, para  
ajudar o estrangeiro, a viúva,  
o órfão; e, de fato, para

aliviar as necessidades de  
toda a humanidade ? Como  
você pode, como você ousa,  
defraudar o Senhor,  
aplicando-o a qualquer outra  
finalidade?”

—John Wesley

## **Falando de dinheiro**

“Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.” (1 João 3:18)

“Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aqueantai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?” (Tiago 2:14-16)

“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza, porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.” (Lucas 12:15 )

“Minha é a prata, meu é o ouro, diz o Senhor dos Exércitos.” (Ageu 2:8)

“Disse Jesus: Melhor é dar do que receber.” (Atos 20:35)

Falar de dinheiro é coisa complicada. Dinheiro na

igreja é coisa séria. E por isso mesmo, para não falar nenhuma besteira, recorri diligentemente à Palavra de Deus. É fato que fiz isso o tempo todo, da primeira à última página, mas foi mais frequente aqui. E por isso você vai ver tantos versículos do início ao fim deste capítulo.

Mesmo em igrejas sérias, fundamentadas na Palavra de Deus, levantar uma oferta é trabalho duro. Muita gente boa se sente incomodada quando o assunto são dízimos e ofertas; cifras em geral. Parece que se esquecem de que a necessidade de sustento existe na igreja como existe em qualquer lugar. Há salários a pagar, famintos para alimentar, missionários para enviar. Contas são pagas com dinheiro. Tudo isso é Reino de Deus - mas também é vida real.

## A manutenção do Reino de Deus tem um custo.

Foi assim na época de Moisés, de Davi e de Jesus - e é assim, nos dias de hoje. Na época de Jesus, por

exemplo. Quando Jesus chamou os seus discípulos e disse: “Vinde após mim e os farei Pescadores de homens” (Marcos 1:17), aqueles homens abandonaram suas redes imediatamente e O seguiram. O “abandonar das redes” ocorreu de forma literal naquele momento. Deixaram as redes para trás e seguiram Jesus. Mas o “abandonar das redes” também significou a perda do único sustento daqueles homens. Dali em diante, aqueles pescadores deixariam sua ocupação diária - e, conseqüentemente, seu salário - para seguir a Cristo em dedicação total e exclusiva ao Evangelho.

Os pescadores que abandonaram as redes deixaram seu trabalho para viajar com o Mestre, pregando as Boas Novas. Por mais de três anos, eles caminharam pelas regiões da Judeia, Galileia e Samaria, fazendo milagres e curando pessoas. Primeiro, dedicaram-se a aprender com Jesus e depois, arregaçaram as mangas para agir, indo de dois em dois (veja Marcos 6:7-13). Fizeram visitas, proclamaram a mensagem do arrependimento, deram conselhos, curaram e até expeliram demônios. Trabalharam para valer.

Você já parou para pensar onde se hospedavam em suas viagens? O que comiam? O que vestiam?

Afinal de contas, quem sustentava isso tudo? Parece Globo-Repórter! Em outras palavras: *Quem financiava o ministério de Jesus?*

Sabemos que Jesus não era rico, muito pelo contrário, ele não tinha nem mesmo onde reclinar a cabeça (Mateus 8:20). De onde vinha o dinheiro para sustentar o seu ministério? A Bíblia não fala que Deus tenha repetido o milagre do maná, mandando uma chuva diária de moedas. Não, a chuva de dracmas (a moeda da época) nunca aconteceu. Imagine a quantidade de traumatismos cranianos! Deus optou - mais uma vez - por usar pessoas para cumprir o Seu soberano propósito (e salvar cabeças de serem atingidas!). Graças ao relato de Lucas, ficamos sabendo que mulheres de coração generoso foram responsáveis pelo financiamento da equipe de Jesus.

“Aconteceu, depois disto, que andava Jesus de cidade em cidade e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o Evangelho do Reino de Deus, e os doze iam com ele, e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria chamada Magdalena, da

qual sairá sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, Suzana e muitas outras, as quais lhe prestavam assistência com seus bens.” (Lucas 8: 1-3)

Deus escolheu mulheres para serem canais de bênção para o próprio Jesus. Mulheres que não somente acompanhavam Jesus, mas sustentavam financeiramente Sua caravana. Maria Magdalena foi aquela da qual Jesus havia expulsado sete demônios. Ela foi também uma das pessoas que permaneceu com Cristo durante a crucificação (ao lado de Maria, mãe de Jesus, Salomé e o apóstolo João). Além disso (vamos aprender mais à frente), Maria Magdalena foi a primeira pessoa a vê-Lo ressurreto, e a primeira a anunciar aos discípulos que Jesus estava vivo.

De Suzana e Joana sabemos pouca coisa, sendo essa sua única referência nas Escrituras Sagradas. O texto de Lucas nos informa apenas que foram mulheres influentes na sociedade da época e essenciais para o ministério de Cristo.

Joana, Suzana e Maria Magdalena tinham algo em comum: todas elas haviam experimentado

pessoalmente o poder libertador de Jesus Cristo, “*haviam sido curadas de enfermidades ou libertas de espíritos malignos*”.

Essas mulheres haviam sido amadas por Jesus e, por isso, ofereceram a sua generosa oferta em dinheiro como forma de retribuição. Suas doações foram a maneira que encontraram de expressar amor, em gratidão pelo que haviam recebido.

A primeira lição ao estudar essas mulheres é justamente essa: *Gratidão gera generosidade*. Somos generosas quando percebemos que já recebemos muito mais do que podemos ofertar.

A verdadeira generosidade  
nasce de um coração que  
sabe que já recebeu mais do  
que merece.

.....

**Muito Obrigada!**

Um costume americano que acho interessantíssimo é o hábito de escrever “Thank you notes”. Traduzidos ao pé da letra, são “cartinhas de muito obrigado/a.” Recebi pela primeira vez uma dessas, dias após comparecer a um festa de criança para a qual minha filha fora convidada. Compramos um presente para o aniversariante e fomos à festa no fim de semana. As crianças comeram, beberam e se divertiram.

Na segunda feira que seguiu, notei que havia um cartão na mochila escolar da Laura, minha filha mais nova. “Thank You” (“Muito obrigada”) era o que estava na sua capa. Lia-se algo como “Muito obrigada pela sua presença em minha festa; adorei a Barbie que você me deu.” Muitos fins de semana com aniversários e festinhas se seguiram. Na segunda-feira, lá estavam os tais cartõezinhos na mochila das meninas.

Escritos caprichosamente pelos pais e assinados muitas vezes com a letrinha em construção da própria criança. “Muito obrigada pela sua presença”, “Muito obrigado pelo quebra-cabeça”, “Muito obrigado por participar comigo deste momento tão especial”... A redação variava, mas o objetivo era

sempre o mesmo: agradecer ao convidado por escrito.

Que lindo saber que os pais separavam um tempo de seus atribulados dias para expressar gratidão em forma de um cartão; um hábito que me surpreendeu e que eu, posteriormente, também adotei.

Nossas obras de generosidade (incluindo nossos dízimos e ofertas) funcionam como um cartãozinho de “Muito obrigado” ao nosso Deus.

## Gratidão gera Generosidade.

Há alguns anos atrás, aconteceu comigo uma situação interessante. Um casal de amigos estava esperando o primeiro filho. Vieram falar com meu marido, que é anestesista, para que ele fizesse o procedimento. O casal descobriu porém, que o convênio médico que possuíam não cobriria as despesas de um anestesista na sala de parto. Teriam que pagar à parte.

A gestante estava muito tensa, pois já estava próximo o dia do parto quando foram surpreendidos por essa informação. O marido estava aflito, por ter

um gasto fora do esperado. Mas, meu marido disse que não se preocupassem, pois ele faria o procedimento de qualquer jeito. (É sempre um privilégio poder assistir nossos amigos com nossos dons profissionais).

Eles ficaram extremamente agradecidos e tudo deu certo, no final. Nasceu uma linda menina que tive o prazer de segurar ainda na sala de parto. Desse dia em diante, nosso amigo não perdia a oportunidade de nos ofertar alguma coisa. Um lanche, uma pizza, uma pamonha. “Deixa comigo”. Uma saída para um pastel com um grupo de amigos. “Deixa que eu pago.” Ingressos para o jogo da seleção. “Doutor, o seu já está comprado.”

A gente achava engraçado e até mesmo, desnecessário. A situação se repetiu por uns bons meses, até que meu marido disse: “Cara, você já me agradeceu o bastante!” Mas para o nosso amigo, parecia pouco. Ele havia ganhado algo valioso demais, e apenas “muito obrigado” lhe parecia insuficiente. Ele queria expressar sua gratidão de forma prática. Essa história ficou gravada em nossa memória como um dos maiores exemplos de gratidão que já experimentamos.

Nós, mulheres que seguimos a Deus, não doamos para receber algo em troca, e sim porque já recebemos. Nossas atitudes de gratidão são apenas consequências do que já foi feito por nós. Tudo que temos, devemos a Ele. A vida, o ar que respiramos, a saúde, a natureza, a família. Ele já nos deu tantas coisas.

Somos ricas!

Temos mais do que o suficiente para sermos gratas. Além das bênçãos materiais, temos também muitas bênçãos espirituais. Quantas respostas em tempo de angústia! Quanto consolo em tempos de dor! Como não perceber a generosidade de Deus? É como diz o velho hino: “Conta as bênçãos, dize quantas são, recebidas da divina mão. Vem dizê-las todas de uma vez e verás surpreso quando Deus já fez!”

.....

Todos os dias, viajo por uma linda estradinha no interior do Mississippi para chegar em casa. Sintonizo o rádio na estação que toca cânticos de louvor, e dirijo, pelas sinuosas curvas, ouvindo o som no último volume, cantando (muitas vezes, errado) e agradecendo a Deus. Às vezes, até levanto

as mãos (uma de cada vez, claro)! Quem me ultrapassa, tem certeza que eu sou louca. Nem ligo. Vou agradecendo pelas árvores altas e seus muitos tons de verde, pelo encanto das flores `a beira do caminho, pelo pôr do sol que colore o céu de roxo e laranja, pelo privilégio de enxergar tudo isso. Pelo carro que me leva e traz em segurança, pela oportunidade de pegar a estrada diariamente e pela família que me espera.

Você pode não passar pelo mesmo caminho que eu, mas temos algo em comum: muitos motivos para agradecer a Deus. E isso pode ser feito de várias formas: com seus lábios, com seus cânticos e com o seu coração. Agradecer traz benefícios individuais inegáveis: tira nosso foco das circunstâncias ruins e torna a vida mais leve. Além disso, um coração agradecido alegra o coração de Deus.

A nossa contribuição financeira deve ser encarada como uma das muitas formas de agradecimento a Deus. Nossa oferta é nosso cartão de “Muito obrigada” no qual nós somos os remetentes e Deus, o destinatário. Além de alegrar a Deus e nos trazer benefícios individuais, esse tipo peculiar de agradecimento é uma valiosa oportunidade para

impactar o Seu Reino.

Nosso “Muito obrigada” em forma de contribuição financeira pode ser bênção na vida de outras pessoas, trazendo sustento na hora da crise, por exemplo. Que impacto maravilhoso nosso dinheiro pode proporcionar na vida de alguém! Este é o verdadeiro significado de ação de graças. Agradecer é uma ação - e não apenas um sentimento.

Por que, então, achamos tão penoso ofertar para o Reino de Deus? Muitas mulheres são dizimistas, isto é, oferecem a Deus 10% de sua renda. Este princípio foi instituído através da Lei de Moisés e é repetido em vários trechos do Antigo Testamento. Mas, parece que nossa generosidade para por aí. Arrazoamos que é mais que o suficiente, pois afinal, 10% é muita coisa! E na nossa cabeça, já cumprimos nossa obrigação.

O fato de muitas de nós sermos dizimistas nos deixa de consciência limpa. Firmadas no cumprimento de um mandamento, fechamos o nosso coração - e nossas mãos - para ajudar as pessoas que Deus colocou à nossa volta. E ainda nos sentimos super corretas. Cumpridoras fiéis da Palavra. (Chamamos isso de legalismo). Se somos

convidadas a impactar o Reino de Deus usando dinheiro, damos a nossa desculpa perfeita: “Sou dizimista”. “Já contribuo com a minha igreja”.

Eu mesma me incluo nisso: já me neguei a apoiar algumas causas e até mesmo deixei de ajudar pessoas, porque afinal, sou dizimista. Não seria o bastante? Para responder a minha questão, que também pode ser a sua, vamos procurar quem entende do assunto. Jesus, claro.

.....

## **O teste da generosidade**

“E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna? E ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom senão um só, que é Deus. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Disse-lhe ele: Quais? E Jesus disse: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho; Honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-lhe o jovem: Tudo isso tenho

guardado desde a minha mocidade; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me. E o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades.” (Mateus 19:16-22)

A intenção de Jesus nunca é a de nos condenar, mas a de nos ensinar. E embora essa ordem tenha sido dada a um indivíduo rico do primeiro século, os princípios servem para cada uma de nós.

Cuidado, porque também não é a intenção de Jesus invalidar os mandamentos dados por Deus a Moisés. Jesus não invalidou a Lei, Ele a cumpriu e deu a ela significado mais amplo. A Lei é boa, o mandamento é bom; mas não é o suficiente. Da mesma forma, o dízimo é correto e é bom - mas não é o suficiente.

Cumprir os Dez Mandamentos conforme o jovem cumpria era certo, era bom - mas era o mínimo que ele poderia fazer. Vamos imaginar os Dez Mandamentos como um alfabeto. Não podemos ficar eternamente no ABC. É preciso aprender a ler de verdade, formar palavras, construir frases e

escrever textos. Assim é a nossa alfabetização e assim é nossa vida com Deus.

É preciso continuar aprendendo. Dessa forma, o dízimo instruído no Antigo Testamento deveria ser entendido como nosso ponto de partida - e não de chegada. Como na alfabetização: começamos lendo palavras simples. Bola. Uva. Rato. Mas, espera-se de nós, que a certa altura da vida escolar, também saibamos ler vocábulos mais rebuscados. Otorrinolaringologista. Inconstitucional. Paralelepípedo.

Conforme caminhamos na fé, a gratidão deve acompanhar em níveis cada vez mais elevados. E, como fruto da nossa gratidão, nossa generosidade também deve ser desenvolvida. Se quisermos impactar o máximo, nossa função é também a de doar o máximo.

Ganhe o máximo que puder.

Poupe o máximo que puder.

Doe o máximo que puder.

—John Wesley

“Se queres ser perfeito” - disse Jesus àquele jovem - é preciso mais do que cumprir mandamentos. “Se queres ser perfeito”, é preciso ir além. É preciso sondar a si mesmo e conhecer seu coração. É preciso descobrir aonde está, de fato, o seu tesouro.

Joana, Suzana e Maria Magdalena tinham o coração no Reino de Deus e por isso seu tesouro estava lá. Elas lhe prestavam assistência com seus bens, o que provavelmente significa que venderam seus pertences e propriedades, para financiar o ministério de Jesus. E assim alimentaram aqueles homens, ofereceram estadia, cuidaram de suas necessidades básicas. Enxergaram sua doação como oportunidade de fazer a diferença, de causar impacto no mundo natural e na eternidade.

“Porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.” (Mateus 6:21)

“Tende cuidado e guardai-vos de qualquer avareza, porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.” (Lucas 12:13)

.....

Desde pequena, ouço histórias de homens de negócios que, assim como essas mulheres dos tempos bíblicos, foram generosos em suas doações. O fundador da Colgate no final do século XIX doava 20% dos seus lucros para obras de caridade no início de seu empreendimento. William Colgate foi progressivamente aumentando a percentagem de doação até chegar a doar 90% de seus lucros ao Reino de Deus!

Fato similar aconteceu com a Quacker, fábrica de produtos alimentícios que conhecemos pela famosa “Aveia Quacker”. Seu fundador Henry P. Crowell doava 70% dos rendimentos de sua empresa milionária para instituições missionárias. Para ganhar almas para Cristo.

Existem muitas histórias semelhantes a essas. Histórias inspiradoras de gente que fez a diferença através da generosidade. Mas, eu sou uma simples mortal e não uma mega-empresária. Não tenho dinheiro sobrando. Tenho salário de classe média, filhas para criar e contas a pagar no fim do mês. Fica difícil exercitar generosidade quando tento me comparar a esses grandes milionários do século XIX e às mulheres ricas da época de Jesus.

Não tem porquê compararmos nossas histórias. Não é esse o propósito. Somos pessoas únicas e cada uma de nós tem suas próprias lutas. Mas existem alguns princípios que são comuns e atemporais e servem tanto a pobres como ricos, tanto a assalariados quanto a mega empresários.

Esses princípios da generosidade devem ser a base das nossas ofertas. São eles:

1. O reconhecimento (a fé) de que tudo pertence a Deus.
2. A gratidão por podermos usufruir de Suas bênçãos.
3. A confiança de que Ele nunca nos deixará faltar.

Resumindo tudo isso em uma só frase, entendemos que ofertar a Deus é então o resultado da fé, da gratidão e da confiança.

**Ofertar a Deus é uma obra de fé, uma prova de gratidão e**

## um teste de confiança.

O coração desses empresários, assim como o das mulheres relatadas por Lucas, estava cheio de fé, de gratidão, e de confiança. E não era no seu dinheiro ou nas suas empresas. Qualquer judeu acharia loucura vender bens para prestar assistência a um bando de pescadores galileus que seguiam um carpinteiro! Qualquer economista dos Estados Unidos de dois séculos atrás desaconselharia a doação de 90% dos lucros de uma empresa. A Matemática não faz muito sentido em nenhum dos casos.

Tanto as mulheres da Bíblia quanto esses empresários do século XIX tinham o coração na obra de Deus. E seu tesouro (dinheiro) também estava lá. Eles queriam impactar pessoas.

O que me faz lembrar dos dizeres da minha avó Zizinha: “As pessoas são mais importantes do que as coisas.”

Assim como em qualquer exercício, a generosidade precisa ser praticada. Quanto mais exercitamos uma habilidade, melhor será nosso desempenho. Comece

devagar. A direção é mais importante que a velocidade. Mas não deixe para amanhã. Prestar assistência ao ministério de Jesus com nossos bens é uma honra.

“O que dá ao pobre, não terá falta.” (Provérbios 28:27)

“E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades.” (Filipenses 4:19)

## **O exercício da generosidade**

Abaixo, você vai encontrar algumas sugestões de exemplos práticos de generosidade para nós, mulheres comuns do mundo de hoje:

- Se você sabe cozinhar, ajude em um almoço para sua igreja.
- Se você sabe costurar, faça vestidos para meninas carentes.
- Se você é médica, dentista, psicóloga, ou presta serviços de saúde, devolva o dinheiro de uma

consulta particular a algum paciente carente.

- Se estiver em missão, pague o almoço de um missionário.
- Se você tem tempo livre, considere ser voluntária em uma instituição de caridade.
- Se você tem carro, ofereça carona a quem não tem.
- Se você presta serviços de limpeza, considere fazer um dia de graça para alguém que gostaria de ter sua casa limpa por um profissional, mas não tem como pagar.
- Considere ser dizimista.
- Considere ser um doador acima da média.

Existem mil maneiras de exercitar generosidade.

Invente uma!

# CAPÍTULO 4:

## Mil e uma utilidades

Débora

“Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas.”  
(Mateus 6:33)

Dezembro de 2015. Pela primeira vez na História, mulheres da Arábia Saudita puderam ir às urnas para eleger seus candidatos. Votar, algo tão comum para nós, mulheres do mundo ocidental, foi visto como uma grande vitória pelas mulheres sauditas, como um gigantesco passo na luta pela igualdade de direitos civis entre homens e mulheres.

Pouco antes de escrever esse capítulo, uma amiga me telefonou para contar que ela e seu esposo haviam recebido uma proposta para trabalhar como médicos na Arábia Saudita. Embora bastante atraente, havia um pequeno problema: o salário da minha amiga seria equivalente a um terço do salário do seu esposo! Isso mesmo, para a mesma quantidade de horas trabalhadas e as mesmas qualificações profissionais, o salário da mulher seria um terço do salário do marido. O único motivo da diferença: o gênero. Por ser mulher, ela merecia receber menos, na lógica daqueles que fizeram a proposta. Nesse caso específico 75% menos.

Para Deus, a mulher nunca pertenceu a uma segunda categoria. Para nosso Criador, mulher e homem têm o mesmo valor. O próprio Jesus conversava com mulheres, andava com elas e as

ensinava. E, mesmo antes de Jesus, ainda no Antigo Testamento, o próprio Deus permitiu que algumas mulheres desempenhassem papéis de destaque e liderança. E para comprovar, ainda deixou tudo escrito na Bíblia.

Débora foi uma dessas mulheres. Juíza em Israel por volta de 1.200 antes de Cristo, Débora é um dos mais conhecidos exemplos de liderança feminina na História Antiga. O papel desempenhado por ela seria impressionante mesmo para os padrões atuais. Para se ter uma ideia da grandeza do fato, Esther Morris foi a primeira juíza dos Estados Unidos no ano de 1870. Só 84 anos depois disso, em 1956, quando algumas de vocês já haviam nascido, Theresa Grisólia Thang se tornou a primeira juíza do Brasil.

Débora foi realmente uma mulher à frente do seu tempo!

Embora, nos tempos bíblicos, o cargo de juiz fosse tradicionalmente masculino, Deus não se limitou a essa regra.

Israel teve doze juízes e uma juíza.

Débora.

Ao permitir que Débora, uma mulher, fosse juíza

em Israel, Deus nos prova que valoriza a mulher, independente dos valores da sociedade vigente. Se hoje nos parece banal a afirmação de que tanto homens quanto mulheres podem ser líderes, a ideia de uma mulher como autoridade máxima de uma nação foi bastante desafiadora para os hebreus de 3.500 anos atrás.

Falei no início sobre minha bisavó Gláucia, a inspiração inicial para esse livro, uma mulher relativamente comum para o seu tempo e sua cultura. Mas a filha dela, minha avó Helena, foi exatamente o oposto. Vovó Lena foi uma mulher à frente do seu tempo. Para se ter uma ideia, ela foi uma brasileira que estudou nos Estados Unidos na década de 40 por seus próprios méritos. Mesmo sem ter condições para esse tipo de investimento, sua performance escolar lhe garantiu uma bolsa de estudos que a levou ao Smith College em Massachusetts, uma das mais tradicionais instituições de ensino superior nos Estados Unidos.

Uma mulher com educação superior no interior do Brasil na primeira metade do século XX já era coisa rara, mas uma mulher com educação superior nos Estados Unidos, era coisa mais difícil ainda. Mais

tarde em sua vida, ela ensinaria Inglês e Educação Física e se tornaria a primeira mulher em sua cidade a candidatar - e se eleger - vereadora. Em uma época em que mulheres só serviam para casar, ela conquistou primeiro seus objetivos profissionais e só depois, aos 28 anos, se uniu em matrimônio com o meu avô. Certamente, vovó Lena foi uma mulher extraordinária e à frente de seu tempo, mulher que é inspiração para muitas das minhas conquistas.

Mas ninguém melhor do que Débora para expressar o que é ser uma mulher de conquistas. Além de juíza, Débora também foi profetisa. A profissão de profeta na sociedade hebraica, assim como a de juiz, também era tipicamente masculina. O acúmulo dessas duas funções era algo inédito até mesmo para homens. A única pessoa na história de Israel que acumulou as funções de profeta e juiz - além de Débora - foi Samuel, o homem escolhido para ungir o Rei Davi e autor do livro de Juízes.

Como se não bastasse ser juíza e profetisa, Débora também foi autora e compositora. Você sabia que o capítulo mais antigo da Bíblia foi escrito por ela? Sim, o “Cântico de Débora”, que está registrado no capítulo 5 do livro de Juízes. Este é o texto original

mais antigo da Bíblia. Neste belo hino de louvor, Débora glorifica a Deus pela vitória dos israelitas contra os cananeus, na batalha que ela liderou.

Em uma época em que as opções para a mulher eram escassas e limitadas, Débora, essa mulher surpreendente, foi juíza, profetisa, compositora, estrategista e líder militar. E com isso, tornou-se a maior autoridade do seu país. Tudo indica que, além disso tudo, também foi esposa e mãe - o que não poderia faltar para o sucesso completo na vida de uma mulher daquela época.

Como mulher, mãe e profissional, eu me pergunto qual era o segredo de Débora. Queria ter a oportunidade de conhecê-la, de convidá-la para um café da tarde. Em um mundo imaginário, gostaria de bater papo por uns momentos e pedir dicas e conselhos - se é que ela teria um tempinho para mim em sua agenda.

“Débora, como você conseguiu ser tudo isso? Eu aqui nessa luta e você dando esse show de competência!”

E talvez - apenas talvez - ela me respondesse: “Listas, minha querida. Listas.”

## **A lista de Débora**

Todas as vezes que estudo essa impressionante personagem, lembro-me de minha mãe. Talvez porque ela seja parte do Grupo das “Déboras”, grupo que reúne mulheres no Brasil e no mundo com o propósito de orar por seus filhos. Mas, talvez seja também pelo fato de que ninguém mais do que minha mãe aprecia uma boa lista! Nunca conheci alguém que tenha lista para tudo. Minha mãe tem. “Ajuda a organizar a vida”, ela diz.

É possível que ela tenha razão.

Pois Débora tinha uma lista e talvez esse seja um dos motivos por que sua vida deu tão certo. A lista de Débora é bem interessante. Vejam o versículo abaixo:

“Débora, profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo.” (Juízes 5:4)

À primeira vista, é difícil perceber a lista de Débora nesse simples trecho. Mas, uma leitura mais cautelosa nos revela. Nesse versículo, a importância das palavras não está apenas em seu significado, mas também em sua ordem. O autor de Juízes nos

revela, em uma única sentença, qual é a ordem de prioridades na vida de uma mulher de impacto no Reino de Deus. A ordem de prioridades é o que chamo aqui de “a lista de Débora”.

1. *“Débora, profetisa”*

## Em primeiro lugar, Débora foi profetisa.

Isso não significa necessariamente que ela tinha visões do futuro. Muitas vezes, essa é a nossa impressão quando se fala em profecia. Mas o profeta da Bíblia não é simplesmente alguém que faz previsões - embora esse seja um dos aspectos da profecia bíblica. Profeta é alguém que declara a Palavra de Deus. No original em hebraico, “profetisa” neste texto é “nebiah” e significa “mulher inspirada”, “mulher sábia”, “de profundo conhecimento de Deus.” Isso significa que como profetisa, Débora tinha sensibilidade para ouvir a Deus. Além disso, tinha sabedoria para entender e

fidelidade para transmitir ao povo a mensagem. Débora era uma mulher cheia do Espírito Santo de Deus. Pense nisso.

Sensibilidade.

Sabedoria.

Fidelidade.

## Sensibilidade, sabedoria e fidelidade são características de uma mulher inspirada por Deus.

É bom lembrar que na época dos Juízes, o Espírito Santo ainda não havia sido derramado sobre todo homem e toda mulher temente a Deus. Só depois do Pentecostes, que o Espírito Santo passou a habitar em todos os filhos de Deus (Atos 2:4). Ele é a pessoa da Trindade que está disponível 24 horas do dia para seus filhos, como lemos no livro de Joel:

“E há de ser que depois, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e

vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos jovens terão visões.” (Joel 2:28)

A profecia de Joel só ocorreu plenamente depois da ascensão de Jesus e da descida do Espírito Santo, em Atos dos Apóstolos e mais de mil anos depois da história de Débora. Nós, mulheres do século XXI, vivemos essa era. Se recebemos a Jesus Cristo, temos também o seu Espírito Santo, conforme lemos nas Escrituras.

“Se alguém não tem o espírito de Cristo, esse tal não é dele.” (Romanos 8:9b)

“Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus.” (Romanos 10:14)

Na época de Débora, não era assim. Poucas pessoas possuíam o privilégio de ter comunhão com o Espírito Santo - e Débora foi uma delas.

Deus ocupou o primeiro lugar na lista de Débora - na vida de Débora. E se quisermos viver como ela, Deus deve vir em primeiro lugar em nossas vidas, também.

.....

“Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça e todas as outras coisas vos serão acrescentadas.”  
(Mateus 6:33).

Muitas de nós aprendemos a memorizar esse verso desde a nossa tenra infância. E, por mais que a memorização seja um excelente método de aprendizado das Escrituras, a Bíblia foi escrita para ser lida e praticada. Muitas vezes, nos orgulhamos em dizer que Deus é o primeiro em nossas vidas, mas, na hora de praticar, é mais comum oferecermos a Ele o último lugar da nossa lista. Quer ver?

Para saber se estamos, de fato, colocando o Reino de Deus em primeiro lugar na nossa lista de prioridades, é preciso examinar nossa vida com Deus. Uma oração “pronta” segundos antes de cairmos na cama, quando estamos exaustas no final de um dia cheio, não pode ser compatível com o Reino de Deus em primeiro lugar. É claro que não existe uma quantidade de tempo ideal para oração, nem estou defendendo horários pré-determinados ou uma frequência mínima de orações. Trago apenas um questionamento que é feito para você e para

mim.

Como dizer que Deus é o primeiro lugar em nossas vidas se não conseguimos dedicar a Ele nem mesmo 10 minutos do nosso dia? Para começo de conversa, não faria mais sentido a oração ser o primeiro ato do dia e não o último? Aliás, faria ainda mais sentido que todo o nosso dia fosse recheado de momentos de oração. E que todos os nossos atos fossem realizados em atitude de oração. Talvez seja isso o que Paulo quis nos ensinar quando disse:

“Orai sem cessar.” (1 Tessalonicenses 5:17)

A vida de oração é um dos termômetros da nossa vida com Deus. O próprio Jesus se retirava frequentemente para orar. Mesmo sendo “um com o Pai”, enquanto estava na Terra, Jesus se afastava para lugares calmos e quietos para orar. Nessas horas, Ele se conectava de forma exclusiva com Deus, sem interrupções ou distrações.

“Eu e o Pai somos um.” (João 10:3)

Ao orar, Jesus estabelecia suas prioridades e se preparava para os desafios de cada dia à sua frente. Ao orar, Jesus foi nosso exemplo do que deveríamos

fazer.

Nossa comunhão com Deus  
direciona nossa lista de  
prioridades e nos prepara  
para executá-las.

Não pretendo, neste livro, explorar com profundidade o tema da oração, mas apenas lembrar que nossa vida de oração é apenas um exemplo do nosso envolvimento com as coisas de Deus, com o Reino de Deus.

Diga-me o que ocupa a sua  
mente e eu te direi quem é o  
seu Deus.

—Paul Washer

Se já entendemos que Deus deve vir em primeiro

lugar, quem, então, ocuparia o segundo lugar das nossas vidas? Vamos para o segundo item da lista.

2. ”... *mulher de Lapidote*” ...

Se você respondeu “família”, acertou. Todas as outras respostas estão erradas, por mais dignas que possam parecer.

Em segundo lugar, Débora  
foi esposa.

Em tempo: Não se sabe ao certo se Lapidote foi um lugar ou uma pessoa, mas tudo indica que foi uma pessoa, pois é improvável que uma mulher com posição tão alta na sociedade hebraica fosse solteira. Se fosse viúva, certamente a Bíblia nos revelaria, pois a viuvez é uma tema constante nas Escrituras e não passaria despercebido.

Queridas leitoras, “ouçam” com carinho. Se dizemos que vivemos de acordo com a Palavra de Deus, nosso lar ainda deve ocupar o segundo lugar

da nossa lista de prioridades. Sim, marido e filhos devem vir logo após o Reino de Deus na nossa lista de prioridades.

Como é difícil para nós, mulheres do terceiro milênio, colocarmos nosso lar acima dos nossos interesses profissionais! É quase uma afronta para algumas mulheres dizer que o marido e os filhos devem estar acima dos seus interesses pessoais. Logo nós, que fomos criadas para alcançar liberdade e independência. Como é difícil para muitas de nós esse segundo lugar. O primeiro lugar para Deus até aceitamos sem muita polêmica, porque, afinal, Deus é Deus, não é mesmo? Mas o segundo lugar para o marido parece coisa das nossas avós.

Até mesmo para a mulher cristã, criada dentro dos ensinamentos da Palavra de Deus, assim como eu, às vezes é complicado seguir a lista de Débora. A natureza humana é egocêntrica. Queremos satisfazer primeiro nosso “eu”, e só depois, satisfazer o outro. Se possível. Mas, o fato é que qualquer tentativa de ocupar a segunda posição da lista com outra coisa que não seja nosso lar costuma gerar confronto e desunião.

Para as mulheres cristãs casadas, tem sido muito

difícil equilibrar interesses pessoais e familiares. Como defender a independência, se o casamento modelado pela Palavra de Deus é baseado na interdependência?

“Eu sou do meu amado e o meu amado é meu.”  
(Cantares de Salomão 6:3)

“No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, e nem o homem, independente da mulher.” (1 Coríntios: 11:11)

Nossa dependência é recíproca, e nosso consentimento para qualquer assunto deve ser “mútuo”, como afirma o Apóstolo Paulo mais à frente, na mesma carta. Isso não nega a autoridade bíblica dada ao homem no lar, mas quer dizer que, embora tenhamos papéis diferentes no casamento, homens e mulheres têm direitos semelhantes.

Este “segundo lugar” da lista de Débora é certamente o mais problemático para as mulheres. E um dos motivos é que não entendemos direito a diferença de Reino de Deus e trabalho na igreja. Por não compreendermos essa diferença, acabamos confundindo as coisas. Algumas esposas “disfarçam” os seus próprios interesses como se

fossem trabalho para Deus. Consciente ou inconscientemente, mulheres assumem variados compromissos em suas igrejas: atividades, reuniões, acampamentos, diretorias, comissões... Preenchem seus dias em compromissos com a obra de Deus, e assim alegam estar seguindo corretamente a lista de prioridades: “Deus, primeiro.” Mas, no fundo é preciso diferenciar uma coisa da outra: atividades na Igreja e relacionamento com Deus não são a mesma coisa.

Por não serem atividades ruins, fica difícil perceber onde está o erro. Quando mulheres cristãs exercem atividades genuínas, elas realmente cumprem com o papel esperado para elas. Mas, tenhamos cautela, pois nem mesmo as boas ações podem ocupar o segundo lugar da nossa lista.

Charles Spurgeon, pregador britânico que viveu no final do século de XIX sumariza o problema:

Discernimento não é saber a  
diferença entre certo e  
errado. É saber a diferença

## entre o certo e o quase certo.

Para a mulher que tem a Bíblia como manual de vida, nem mesmo o serviço na igreja deve vir antes do cuidado ao seu marido e seus filhos. Principalmente quando o marido não é cristão. Aí, é que fica ainda mais complicado, porque ao invés de atraí-lo, tal comportamento pode afastá-lo de Deus.

Precisamos desse discernimento que vem do alto, para não confundir relacionamento com Deus com trabalho na igreja. Sabemos que nosso relacionamento com Deus - a busca do Reino de Deus e da sua justiça - deverá vir sempre em primeiro. Mas o impacto no Reino de Deus através do trabalho não pode vir antes do impacto que desempenhamos dentro da nossa casa.

Trata-se de inversão de prioridades, coisa de que o mundo está cheio. Nosso testemunho dentro da nossa casa é o mais importante de todos. E por que? Porque dentro de casa estão as pessoas mais importantes da nossa vida. Nem mesmo Débora ousou fazer diferente!

“Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e

especialmente os da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente.” (1 Timóteo 5:8)

“Pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da casa de Deus?” (1 Timóteo 3:5)

E só depois disso, vem o terceiro item da lista de Débora.

3. “... *juitava a Israel naquele tempo.*”

## Em terceiro lugar, Débora foi juíza.

Interessante perceber que o título mais extraordinário de Débora é o que ocupa o último lugar no versículo. A Bíblia fala sobre algumas profetisas, certamente muitas esposas mas apenas UMA juíza. Débora. Sim, ela foi líder em Israel como nunca antes visto naquela nação. Em todas as eras, na história dos hebreus, Débora se destacou como personagem única. Sob sua liderança, Israel finalmente vence os cananeus depois de mais de 20 anos debaixo de seu domínio.

Débora, a única juíza, rompeu barreiras

inimagináveis no Mundo Antigo. Foi uma mulher privilegiada, ocupando posição de honra sem precedentes na história das mulheres de Israel. Mas, ela não se deixou dominar pelo seu título nem se deixou consumir pela vaidade de sua posição. Débora desempenhou seu papel com zelo, mas não antes de dedicar-se a Deus e ao seu marido, nessa ordem. E, embora a Bíblia não seja clara a este respeito, provavelmente também a seus filhos.

“A lista de Débora” na verdade, não é propriamente um segredo revelado aos nossos ouvidos em um café da tarde. Todas nós sabemos que não existe fórmula secreta para o sucesso no Reino de Deus, assim como não há nada milagroso em uma lista. A lista de Débora é apenas uma construção gramatical usada pelo escritor para descrever essa personagem bíblica ímpar. Mas, crendo que nada está na Bíblia por acaso, percebemos que até mesmo a simples ordem de adjetivos em uma frase tem poder para nos ensinar.

*Profetisa. Esposa. Juíza.*

Essa foi a forma com que Deus escolheu apresentá-la para nós. Essas foram as características que Deus escolheu para cumprir os Seus propósitos

na vida de Débora e em sua nação, Israel. Para cumprir seus propósitos, Deus nos ensina a ter em primeiro lugar Sua presença, em segundo, nossa família e em terceiro, nossa posição. Isso ainda não mudou. E não vai mudar. Quer você concorde, ou não.

## **De onde vem um bom conselho?**

O papel de um juiz no Antigo Testamento ia além da resolução de disputas judiciais. O período dos Juízes se refere a uma época turbulenta no início da formação de Israel como nação; um período em que não havia ainda um governo estabelecido e cada uma fazia o que era certo aos seus próprios olhos.

“Outra geração após eles se levantou, que não conhecia o Senhor, nem tampouco as obras que fizera a Israel. Então, fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor. Deixaram o Senhor, Deus de seus pais, que os tirara do Egito, e foram-se após outros deuses, dentre os deuses das gentes que havia ao redor deles, e os adoraram, e provocaram o Senhor a ira.” (Juízes

1: 10-12)

Como resultado, Deus permitiu que Israel fosse dominado por nações inimigas. Neste contexto, Deus levantou juízes para exercer autoridade sobre o Seu povo, aconselhando-o e guiando-o com o objetivo final de libertar Israel da opressão. O juiz tinha poderes civis e militares, com a função liderar o Exército nas guerras e proteger a segurança nacional. Mais do que disso, o juiz era um mensageiro de Deus, escolhido para orientar e redirecionar o povo de volta aos caminhos do Senhor. Era como um conselheiro.

Um conselheiro era alguém com profundo conhecimento em um assunto, capaz de indicar a melhor saída para um conflito. Sua posição exigia sabedoria e imparcialidade, sempre visando a apontar a melhor direção. Juízes eram conselheiros, pois atuavam como mensageiros de Deus na resolução de conflitos. Portanto, Débora era também uma conselheira.

“Ela atendia debaixo da palmeira de Débora, entre Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim, e os filhos de Israel subiam a ela a juízo.”

(Juízes 4:5)

Como conselheira, Débora era primeiramente acessível: ela atendia as pessoas a céu aberto, no quintal de sua casa. Muitas pessoas a procuravam para ouvir o seu conselho e receber direção, pois ela tinha exatamente o que procuravam: sensibilidade para ouvir e sabedoria para falar. Os conselhos de Débora foram parte essencial de sua liderança, tanto para resolver questões de pessoas comuns quanto para orientar a melhor estratégia militar ao Exército de Israel. Seus conselhos foram tão preciosos que levaram Israel a obter a vitória sobre os cananeus, depois de décadas de opressão. Seu papel de liderar se encontrava intimamente relacionado à sua capacidade de aconselhar.

Você já deve ter ouvido o ditado que diz “Se conselho fosse bom, não se dava, se vendia.” Não é isso que diz a Palavra de Deus. A Bíblia considera um bom conselho algo fundamental para o sucesso de um plano.

“Não havendo sábia direção cai o povo, mas na multidão de conselhos há segurança.” (Provérbios 11:14)

“Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores.” (Salmos 1:1)

Basicamente, existem dois tipos de líderes: aqueles que lideram pela influência e aqueles que lideram pela posição de autoridade. Nada há de errado com nenhum dos estilos. É possível liderar por influência sem necessariamente ocupar uma posição de autoridade. Foi o que aconteceu com a serva da mulher de Naamã, por exemplo. A menina não ocupava nenhuma posição de autoridade, muito pelo contrário, sua posição era de submissão. Mesmo assim, exerceu influência levando cura e salvação àquela família. Já Débora liderava por ocupar posição de destaque. Mas não era só isso.

O livro de Juízes deixa claro que a liderança de Débora não se baseava em sua autoridade ou influência apenas. A fonte de sua força era o próprio Deus - e não ela mesma ou nenhum outro ser humano. Débora não apenas liderava baseada na autoridade que lhe fora concedida; ela era guiada por Deus. Lembre-se que antes de ser líder, ela era

profetisa e mensageira de Deus. Seus conselhos não vinham de seu próprio conhecimento ou de sabedoria humana, mas vinham do Deus. E, talvez por isso por isso mesmo, tenha sido comissionada por Deus para assumir tamanha responsabilidade.

O grande segredo de Débora não era sua lista. Era a sua fonte.

Débora simplesmente transmitia o que ouvia de Deus. Ela, por si só, não tinha poder para ordenar coisa alguma.

## Não temos nenhum poder em nós mesmas.

Mesmo quando ocupamos posição de liderança, precisamos nos submeter a Deus. Só depois disso, estaremos habilitadas a liderar outras pessoas. Quando estamos em posição de aconselhar, precisamos primeiramente ser aconselhadas por Deus. Só depois, estaremos aptas a aconselhar outras pessoas. A fonte precisa ser Deus.

Diferente do que se prega em livros de auto-ajuda,

a força da mulher cristã não está nela mesma. Somos como a lua e não como o sol. Não temos luz própria. Nossa luz vem de Deus.

Nossa fonte não está no pensamento positivo. Não somos semi-deusas. Não somos criadoras de nada, absolutamente nada. Somos mulheres pecadoras. Finitas. Limitadas. Mas nossa força vem de um Deus Santo. Infinito. Ilimitado. Nada podemos fazer sem Ele. Quando aceitamos nossas limitações, Ele pode brilhar em nós.

“Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto, porque, **sem mim, NADA podeis fazer.**”  
(João 15:5)

Embora muitas de nós não se considerem líderes de fato, todas nós, estamos, em algum momento, liderando alguém. Como mães, lideramos nossos filhos; como professoras, lideramos nossos alunos; como profissionais, lideramos funcionários ou clientes. Como sogras, lideramos noras e genros. Na família, na igreja ou no trabalho, muitas pessoas dependem do nosso conselho e da nossa direção.

Mesmo quando somos lideradas, gostamos de

conversar e compartilhar sentimentos - diferente de homens que são em geral bem mais reservados. Deus nos fez assim e essa é uma característica comum à maior parte das mulheres. Gostamos de falar da vida, do casamento, da criação de filhos. Falamos sobre decisões pessoais, aborrecimentos no trabalho e muitos outros assuntos. Em um momento ou outro, quer líder, quer liderada, a posição de conselheira é algo que se aplica a todas nós.

Por essa facilidade natural em compartilhar sentimentos e buscar ajuda, somos nós, mulheres, a maioria esmagadora nos consultórios de terapeutas e psicólogos. Não é porque temos mais problemas que os homens, ou sejamos mais infelizes. É pelo simples fato de reconhecermos o valor da ajuda e apreciarmos o valor do conselho.

Em nossos dias, o papel dos terapeutas e psicólogos está bem estabelecido em nossa sociedade. Dedicaram anos de sua vida para estudar o comportamento humano. Em sua clínica ou consultório, eles não apenas batem papo com os clientes; eles aplicam os fundamentos de uma ciência. São treinados e capacitados para ajudar pessoas passando pelas mais variadas dificuldades.

Não estou aqui sugerindo mulheres leigas a se tornarem terapeutas umas das outras. Isso pode ser perigoso! Mas, em nossa vida cristã, é certo que em um momento ou outro, teremos a oportunidade de aconselhar outras mulheres. Mulheres feridas, magoadas e confusas - por vezes completamente perdidas - clamam por socorro. É claro que não podemos substituir um profissional, mas nesses momentos, uma amiga costuma ser a primeira linha de defesa.

É saudável que seja assim. Um sistema de suporte - composto por familiares e amigas - é algo que todas nós devemos ter. E aí está a nossa chance de impactar a vida das pessoas com a palavra de Deus e com muito amor.

Conheça todas as teorias,  
domine todas as técnicas,  
mas ao tocar em uma alma  
humana, seja apenas, uma  
alma humana.

## —Carl Jung

Aconselhar é uma valiosa forma de impactar o Reino de Deus. Nestes momentos, não há necessidade de palavras rebuscadas, ou de conhecimento de psicanálise. Apenas uma coisa é necessária: a conformidade com a palavra de Deus.

Porque de nada adianta um conselho, se ele não é bom. E um conselho que não está em conformidade com a palavra de Deus definitivamente não é um bom conselho.

Antes de aconselhar alguém e até mesmo antes de opinar sobre algo, precisamos nos certificar se nosso conselho ou opinião está de acordo com a palavra de Deus. Nosso papel é de mensageiras do Senhor. Para isso, precisamos estar atentas ao que Ele nos diz. E só conseguimos ouvir a Deus quando estudamos com profundidade a sua Palavra e o consultamos com frequência, em oração.

Eu, particularmente, amo aconselhar pessoas. Sinto que minhas experiências pessoais positivas podem servir de estímulo e as negativas podem servir de alerta. Tenho prazer em dar conselhos que edificam

e que elevam a autoestima das pessoas. E dizem por aí que tenho a mania irritante de enxergar sempre o lado bom da situação. Tento seguir à risca a orientação de Paulo:

“A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.” (Col 4:6 )

Mas essa característica - que deveria ser uma virtude - tende a se transformar em um verdadeiro problema quando a situação não é favorável. Por gostar de falar o que as pessoas querem ouvir, sinto muita dificuldade em falar o que elas não querem.

Descobri cedo na vida que nem sempre é possível agradar a todos. E um bom conselho não significa um conselho agradável de se ouvir. A verdade deve ser dita sempre. Mesmo que doa, mesmo que desagrade, o cerne de um bom conselho é a verdade. E embora nem sempre as pessoas queiram ouvi-la, a verdade jamais pode ser comprometida. Palavras enganosas, por mais agradáveis que sejam, não agradam a Deus.

É claro que palavras doces, agradáveis e amorosas são sempre desejáveis, mas elas não podem

mascarar a verdade. Tais palavras devem sim fazer parte do nosso repertório, pois não há lugar para grosseria na vida da mulher que quer impactar o Reino de Deus! Não há lugar para a mentira no Reino de Deus. Há um jeito amável de dizer a verdade, mas não há jeito certo de dizer a mentira. Dizer a verdade em amor é o segredo de um bom conselho. O ingrediente secreto é sempre o amor. O que me faz lembrar das sábias palavras de Agostinho de Hipona que estampavam os boletins do colégio da minha infância.

É melhor amar com  
severidade do que enganar  
com suavidade.

—Santo Agostinho

O X da questão não deve ser *como* nos sentimos a respeito de um assunto, mas *onde* buscamos conselho para esse assunto. Se a fonte do conselho é a Palavra de Deus, o conselho é bom, mesmo que

não corresponda às expectativas do momento. Pelo contrário, se a fonte do conselho não é a Palavra de Deus, o conselho é ruim, mesmo que corresponda às expectativas. Não podemos misturar as coisas. Ser mensageira de Deus para as pessoas é coisa muito séria.

Quantos maus conselhos foram dados em nome de Deus porque essa simples regra não foi observada! Não se sinta pressionada em ter sempre uma resposta para tudo - não somos as donas da verdade. Estamos caminhando. Somos líderes, sim. Mas somos lideradas, também. Tal como qualquer ser humano, cometemos erros e precisamos de ajuda. Ora ocupamos a posição de conselheiras, ora a posição de aconselhadas. O fardo da perfeição é algo que não conseguimos carregar. Nem tente.

Jesus, o Filho de Deus, é o único que nunca falhará em seus conselhos. Jesus é o único que tem resposta para tudo. É o único que tem a direção certa, o caminho ideal, a solução para qualquer situação e para qualquer pessoa. Sempre. Não é à toa que Isaías refere-se a Ele como nosso Maravilhoso Conselheiro.

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre seus ombros. E seu nome será chamado: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz.”  
(Isaías 9:6)

CAPÍTULO 5:  
Pregadora do  
Evangelho  
Maria Magdalena

“Eu sou o Caminho, a  
Verdade e a Vida, ninguém  
vem ao Pai senão por mim.”  
(João 14:6)

## **Linguagem não-verbal**

Em seu famoso livro “As Cinco Linguagens do Amor”, Gary Chapman apresenta cinco diferentes formas com as quais expressamos amor uns aos outros. Essas formas de expressão ou linguagens, não necessariamente incluem palavras. A grande descoberta do autor é que todos nós temos nossa primeira língua, uma forma peculiar de linguagem com a qual nos sentimos mais compreendidos e engajados em um relacionamento. Muitas vezes, marido e mulher tem linguagens diferentes. E essa diferença de línguas pode gerar uma verdadeira torre de Babel dentro do casamento, uma frustração constante, capaz de comprometer e desgastar a relação conjugal.

Morando nos Estados Unidos há cinco anos, sei por experiência própria o que é uma confusão de línguas. Nos primeiros três anos, moramos em Houston, Texas, a quarta maior cidade dos EUA, com aproximadamente 6,3 milhões de habitantes, dos quais 1,4 milhões são estrangeiros. O resultado disso é que mais de 145 línguas diferentes são

faladas diariamente em Houston.

O Reino de Deus se parece com Houston, nesse sentido. Uma grande variedade de línguas também pode ser percebida. Deus é poliglota. Ele sabe que linguagens diferentes alcançam pessoas com expectativas diferentes. Nós fomos criados com necessidades distintas que são supridas com diferentes linguagens de amor. Nosso Deus é criativo e por isso mesmo é capaz de equipar mulheres com criatividade para espalhar sua mensagem de formas diversas.

“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo.

E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo.

E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos.

Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil.”

(1 Coríntios 12: 4-11)

Enquanto escrevia este capítulo, uma neve fininha caía no meu quintal. A neve é uma coisa linda! Cada floco é único, como se fosse uma impressão digital que não se repete. Vejo a glória de Deus na brancura da neve, brilhando ao sol. Não preciso de palavras audíveis para saber que Deus existe. Quem não consegue perceber Deus na Natureza não sabe o que está perdendo! Podemos senti-Lo de forma maravilhosa em toda a criação. Esse tipo de linguagem chamamos de linguagem não-verbal. É uma forma real de comunicação entre Deus e seus filhos que pode ser experimentada diariamente. Basta ter olhos e ouvidos atentos para perceber.

“Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos. Um dia discursa a outro dia e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem nem há palavras e deles não se ouve nenhum som; no entanto em toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras até os confins do mundo.”  
(Salmos 19:1-3)

A linguagem não-verbal da mulher foi explorada nos capítulos anteriores. Você pode sentir empatia -

e assim comunicar o amor de Deus, sem usar palavras. Você pode ser generosa - e assim comunicar o amor de Deus, sem usar palavras. Pode usar seu tempo e serviços para alcançar os perdidos e assim, revelar o amor de Deus, sem usar palavras. Pode renunciar seus próprios interesses e assim comunicar o amor de Deus sem usar palavras.

Enfim, podemos comunicar nosso amor - a Deus e ao próximo - usando as mais criativas linguagens sem usar uma palavra sequer. Até mesmo um abraço pode valer muito mais que um belo discurso. Mas no que se refere ao Reino de Deus, o uso da palavra continua sendo fundamental.

## **Linguagem verbal**

Evangelho é originado do grego euangelion e quer dizer boa notícia, boa nova ou boa mensagem. O Evangelho é isso: *uma mensagem*.

Entre todas as linguagens estudadas, ainda não existe uma forma mais eficaz de comunicar uma mensagem do que a própria PALAVRA. O uso da palavra é a maior ferramenta que temos para transmitir o que pensamos.

A capacidade linguística é exclusiva dos seres humanos, sendo uma característica importante que nos difere dos animais. De acordo com Glenn Morton, a linguagem humana difere de todas as outras formas de comunicação animal. Um papagaio pode falar algumas palavras, mas fala por repetição (o papagaio não compreende o significado das palavras que fala). Seres humanos, pelo contrário, podem produzir uma variedade quase infinita de pensamentos e transformá-los em palavras quase incontáveis. Já os sistemas de comunicação animal que existem em diversas espécies da natureza raramente excedem quarenta sons.

Se a palavra com p minúsculo é exclusividade dos seres humanos, pregar a Palavra com P maiúsculo também é exclusividade nossa. Nem mesmo aos anjos foi dado tamanho privilégio. (veja 1 Pedro 1:12)

“Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação

dos séculos. Amém.” (Mateus 28:19,20)

Além de uma exclusividade, pregar o Evangelho é também uma ordem. Não se desespere. Não quero assustar você.

## Pregar o Evangelho é falar de Jesus.

Para pregar o Evangelho, não é necessário ser uma pregadora profissional. Nem é necessário abdicarmos das nossas carreiras em prol de uma vida evangelística de dedicação exclusiva. Não é preciso ter nenhum título e nem mesmo um cargo oficial em uma igreja. Lembre-se que os primeiros discípulos eram simples pescadores.

Eu, particularmente, gosto muito da linguagem verbal. Já deve ter dado para perceber. Gosto de comunicação e sei que este é um dom que Deus me deu. É conversando que a gente se entende. Converso até sozinha, se for o caso. Converso enquanto escrevo. (Este livro foi um jeito que encontrei de conversar com mais gente.) Mas, tenho

algo para confessar. Sempre tive dificuldade em pregar o Evangelho. Acho difícil falar de Jesus para as pessoas.

Isso começou a mudar há pouco mais de 3 anos...

.....

Dias antes de morrer, meu pai nos reuniu em seu quarto, ao redor de sua cama. O vapor do oxigênio que vinha do balão ao seu lado embaçava o ambiente. Ele sentou-se com dificuldade sobre um tamborete e começou a conversar.

Meu pai era um excelente orador, sabia falar sobre qualquer assunto de uma forma envolvente, cativante. Mas a respiração difícil o impedia de demorar-se muito nas palavras. Naquele momento próximo à sua morte, orou pacientemente por cada um de nós, seus filhos. Por nossos cônjuges, por nossos filhos, por nossos projetos. Por nosso futuro, que ele não poderia ver. Depois disso, ele nos abençoou com gestos e com palavras e disse que tinha um pedido a fazer.

Com a voz entrecortada pela falta de ar causada pelas metástases pulmonares que custariam sua vida, ele disse a cada um de nós:

# Falem de Jesus para as pessoas.

Poucos dias depois disso, receberíamos a pior notícia das nossas vidas. Não havia mais o que fazer por ele. Meu pai já não estava entre nós...

O eco dessas palavras do meu pai tem sido combustível para o meu caminho. Suas últimas palavras confirmaram a ordem que o próprio Jesus havia dado, dois mil anos atrás. Mais do que nunca, eu tenho uma ordem a cumprir.

## **A boa notícia**

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade.” (João 1:14)

No Evangelho escrito por João, Jesus Cristo é chamado de *Verbo*, que quer dizer *Palavra*. Jesus Cristo é o Verbo encarnado, isto é, a Palavra de Deus em pessoa.

# A boa notícia de Deus para a humanidade é Jesus.

Jesus é a Palavra de Deus em uma nova linguagem - a linguagem do amor. Jesus veio para nos proporcionar o perdão de nossos pecados. Todos pecamos, todos estamos destituídos da glória de Deus. Sem Ele, estávamos mortos em nossos próprios delitos. Não havia para nós nenhuma possibilidade de redenção.

Mas Deus provou seu amor para conosco quando Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores. Jesus Cristo assumiu a culpa que era nossa e levou sobre si o castigo que estava reservado para nós. E foi através de Seu sacrifício (sua morte e ressurreição) que passamos a ter livre acesso ao Pai.

Só Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. Não há outro caminho para o céu. Essa é a boa notícia que lemos no Evangelho. Esse é o verdadeiro Evangelho. A boa notícia que supera qualquer má notícia. A vida que supera a morte. A melhor notícia do mundo!

## **A melhor notícia do mundo**

“E, passado o sábado, Maria Magdalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo.

E, no primeiro dia da semana, foram ao sepulcro, de manhã cedo, ao nascer do sol.

E diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro?

E, olhando, viram que já a pedra estava revolvida; e era ela muito grande.

E, entrando no sepulcro, viram um jovem assentado à direita, vestido de uma roupa comprida, branca; e ficaram espantadas.

Ele, porém, disselhes: Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram.

Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis, como ele vos disse.”

(Marcos 16:1-7)

Maria Magdalena, uma das patrocinadoras do ministério de Jesus, juntamente com Salomé e Maria, mãe de Tiago, foram ao sepulcro onde o corpo de Jesus crucificado havia sido colocado. Elas estavam preocupadas com a pedra, mas ao chegar lá, viram que ela fora removida. Porém, não viram o corpo de Jesus dentro da tumba. Lá estava apenas um jovem de roupas brancas, que lhes informou dos acontecimentos. “Cristo não está aqui! Ele ressuscitou, exatamente como havia prometido.”

O jovem ordenou a elas que relatassem o acontecido aos discípulos. Afinal, a morte fora derrotada. E essa era a melhor notícia do mundo. Todos mereciam ficar sabendo.

Todos.

Santos e pecadores. Cultos e incultos. Justos e injustos. Judeus e gentios. Homens e mulheres.

## A boa notícia é para todos.

Você pode imaginar a euforia dessas mulheres? E a honra? Quanta honra! Foram escolhidas por Deus para dar a melhor notícia do mundo! Para a

sociedade: oprimidas e desvalorizadas. Mas para Deus, totalmente dignas. Ele sempre escolhe as pessoas mais adequadas para desempenhar as funções que Ele mesmo designou. E para essa tarefa específica, Deus escolheu mulheres.

Deus deu a essas seguidoras de Jesus o privilégio de testemunhar, em primeira mão, a ressurreição do seu Senhor. Essas mulheres que haviam caminhado com Jesus, que aprenderam aos Seus pés, que doaram para Seu ministério. Essas mulheres, que não somente presenciaram curas, mas foram elas mesmas, curadas por Jesus. Mulheres perdoadas, transformadas e tocadas por Jesus. Essas mulheres que estavam com Jesus na sua vida e também na sua morte. A elas foi dada a honra de estarem com Jesus na sua ressurreição. Andaram com Jesus de verdade - e por isso receberam o privilégio de falar sobre Ele.

A única condição para pregar  
o Evangelho é andar com  
Jesus.

Para pregar o Evangelho, é preciso ter vida transformada. Para ter a vida transformada, só mesmo andando com Jesus. Não há outro jeito. Não podemos testemunhar algo que não presenciamos, porque uma testemunha é, por definição, uma “pessoa que presenciou ou ouviu algum fato e que dele pode dar detalhes.”

É fácil de compreender. Como consumidora, você indicaria um serviço que não usou? Uma loja na qual nunca comprou? Um produto que não testou? Sinceramente, creio que nenhuma de nós faria uma coisa dessas. Portanto, quem não pode indicar o que não consumiu também não pode pregar o que não experimentou.

Não há como relatar o que não se viveu. Não há como influenciar vidas se a nossa própria vida não sofreu nenhuma influência. Não podemos doar o que não temos.

Só tem o direito de pregar a boa notícia, quem primeiro já recebeu a boa notícia em seu coração.

Só conseguimos doar o que recebemos.

Só podemos testemunhar o que vivemos.

“Porque eu recebi do Senhor, o que também vos

entreguei...” (1 Coríntios 11:23)

“Antes de tudo, vos entreguei o que também vos recebi.” (1 Coríntios 15:3)

## **Medo ou coragem?**

A primeira ideia que me vêm a mente é a de que aquelas mulheres saíram gritando aos quatro cantos do mundo que Jesus havia ressuscitado. De fato, essa é uma imagem que trago da minha infância, das peças de teatro da Páscoa na Igreja Metodista Central em Goiânia. Maria Magdalena, interpretada por Dona Valdelina, saía do altar rumo aos bancos da igreja, gritando e anunciando a Ressurreição do Senhor Jesus.

Em um determinado momento, Maria Magdalena deixava cair o vaso de metal que segurava, fazendo um estrondo tão grande que deixava a plateia assustada.

E, enquanto o barulho metálico do vaso caído ainda ressonava, Dona Valdelina, vestida em trajes típicos de época, saía gritando e contando para as pessoas sentadas: “Jesus está vivo, Jesus está vivo!”

Só de relembrar a cena, ouço no fundo da memória a canção: “Vivo Ele está!” O ato foi realista e emocionante, graças ao zelo do ministério de Teatro e ao desempenho dos atores. Mas, de acordo com o Evangelho de Mateus, um detalhe interessante não foi encenado naquela cantata:

“E, saindo elas apressadamente, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e assombro; e nada diziam a ninguém porque temiam.” (Mateus 16: 8)

De acordo com Mateus, houve um período de silêncio no intervalo entre o encontro das mulheres com o anjo e o anúncio da Ressurreição. Não sabemos quanto tempo durou, mas parece ter havido algo semelhante a um “estado de choque”. Aquelas mulheres que foram ao sepulcro depois da morte de Jesus ficaram com tanto medo, que não falaram nada. Elas haviam visto a crucificação e agora, o túmulo vazio. Elas haviam experimentado o sobrenatural de Deus ao encontrar o anjo. Mas, agora, estavam apavoradas. Ficaram em silêncio. O medo as cegou e as emudeceu. Elas nem puderam reconhecer que era o próprio Jesus que estava lá. E

nada diziam a ninguém porque temiam.

Medrosas?

De repente, você e eu, somos muito parecidas com essas mulheres.

.....

No início do ano de 2015, tive o privilégio de participar da organização de um acampamento nos Estados Unidos junto à Brazilian Presbyterian Church. Este encontro teve como pregador o querido amigo pastor Sérgio de Oliveira Campos, da Igreja Metodista de Goiânia Leste. Em uma das pregações, o pastor Sérgio nos orientou a refletir e anotar no máximo três sentimentos que nos impediam de seguir a Deus integralmente.

Em uma noite fria de inverno no Texas, ao crepitar da fogueira e ao som do violão, dezenas de pessoas pensativas escreviam em seus papéis. Após um breve momento de reflexão, cada participante teve a oportunidade de queimar na fogueira o seu papel escrito. Meu primeiro item: medo.

O medo é um sentimento legítimo que nos protege dos perigos e tem a função de livrar nosso corpo de lesões e injúrias. Desde pequenos, por exemplo,

temos medo de cair, de tropeçar e de machucar.

Extinguir completamente o medo é irreal, pois ele é necessário para nossa proteção. Ter medo não é pecado. Mas o medo deve nos servir, e não o contrário. Ele deve ser dominado e colocado em seu devido lugar. O medo não pode jamais assumir o controle das nossas vidas.

Em situações de medo, um hormônio chamado adrenalina começa a ser liberado em grandes quantidades na corrente sanguínea. Dessa forma, o organismo se prepara para lutar ou fugir, visando a preservação da própria vida. Essa reação é chamada de “luta ou fuga.” Eu penso que foi exatamente isso que aconteceu com aquelas mulheres.

Entre lutar ou fugir, elas fugiram. Estavam apavoradas, aterrorizadas, perplexas. O sepulcro vazio. Um anjo. Soldados. Além de tudo isso, lembre-se que o testemunho de uma mulher não era aceito na época. As palavras de uma mulher não eram confiáveis. Enfrentariam crítica e julgamento; descrédito e rejeição. Corriam perigo de vida. Com essa avalanche de emoções, não foi à toa que se calaram.

Assim como aconteceu com elas, pode acontecer

conosco. Se deixarmos o medo dirigir nossos passos, nunca falaremos de Jesus. Aliás, se deixarmos o medo assumir controle das nossas vidas, nunca faremos nada para o Reino de Deus! E hoje, apesar de desfrutarmos de uma posição mais segura e confortável do que aquelas mulheres, ainda existem muitos medos que atrapalham nossa vida. O medo de rejeição, por exemplo. A rejeição é sempre um risco que assumimos quando nos propomos a falar de Jesus. E nenhuma de nós quer ser rejeitada por livre e espontânea vontade.

“Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo serão perseguidos.” (2 Timóteo 3.12)

Você pode se propor a falar de qualquer líder religioso e será vista pelo mundo como espiritualizada. Pode elogiar pensadores e será vista pelo mundo como culta. Pode falar de mestres e gurus de todos os tempos e será vista como alternativa. Mas experimente falar de Jesus Cristo. Prepare-se para ser vista como antiquada. Retrógrada. Fanática.

Falar de Jesus ainda causa um desconforto inexplicável nas pessoas.

Em pleno século XXI, pregar o Evangelho ainda incomoda. Pode ser que surjam olhares reprovadores, comentários maldosos e até mesmo perseguições. Não, não estou falando sobre países dominados pelo Estado Islâmico. Estou falando em Jesus para seus familiares e amigos.

Talvez seja por isso que nos calamos. Porque tememos. O medo nos cala. E por saber disso, Deus nos disse: “Não temas!” Centenas de vezes ao longo das Escrituras, este é o lembrete de Deus para nós. “Não temas!” Quando estiver apavorada, amedrontada, frente a uma situação de luta ou fuga, lembre-se de Deus e de sua Palavra.

“Não temas.”

“Pois Deus não nos deu espírito de medo - mas de poder, de amor e de equilíbrio. Portanto, não se envergonhe de testemunhar do Senhor.” (2 Timóteo 1:7-8a.)

Mesmo com medo, as mulheres que foram ao sepulcro não se calaram por muito tempo.

Souberam dominar o medo. Ainda que apavoradas em um primeiro momento, logo em seguida caíram em si. Lembraram das palavras de Jesus. De como era necessário que Ele morresse. De como Ele venceria a morte. De como Ele não as deixaria sós. De como Ele era Senhor da vida.

Alimentadas pelas palavras de Jesus, elas se fortaleceram, se encheram de poder. Então, “a coisa mudou de figura”. Ao invés de fuga, luta. Adrenalina na veia. E, ao hormônio natural se juntou a fé sobrenatural. Essa mistura bombástica de fé e adrenalina fez surgir a primeira pregação da Ressurreição de Jesus. A mensagem que é capaz de mudar destinos. A mensagem que alcança a eternidade.

A boa notícia que supera até a morte.

A melhor notícia do mundo.

## **Calar ou Falar?**

“Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem.” (Efésios 4: 29)

Nosso amor pela mensagem de Salvação tem como principal objetivo trazer pessoas para Cristo - e não afastar. Há tempo de calar e tempo de falar. O Espírito Santo é quem nos guiará com o que haveremos de dizer, e nos dará a sabedoria para anunciar o Evangelho.

Em um mundo conectado, ficou mais fácil espalhar a mensagem da Salvação. Em tempos de redes sociais, tudo acontece muito rapidamente. Fatos e fotos são compartilhados em um clique e se espalham pelo mundo virtual em questão de segundos. Uma notícia ganha o mundo com uma facilidade nunca vista anteriormente.

Não se pode negar os benefícios das mídias sociais. Essa nova realidade, traz também a possibilidade grandiosa de sermos vistos e ouvidas por uma grande multidão. De repente, temos audiência.

Mas toda essa facilidade gera em muita gente uma necessidade incontável de expressar sua opinião a respeito tudo. As pessoas vão dando “vida” a seus pensamentos e tecendo suas opiniões sobre os mais variados assuntos, quase sem filtro e sem cuidado, no conforto de suas próprias casas.

Nesse mundo virtual, temos a inédita oportunidade

de expressar tudo o que pensamos. É claro que podemos utilizar desta nova modalidade de comunicação para a propagação da fé cristã. É a pregação do Evangelho, certo? É verdade. Podemos postar versículos, compartilhar músicas de louvor e dar o nosso testemunho. Mídias sociais são instrumentos poderosos de divulgação e podem ser utilizadas para impactar o Reino de Deus. Mas, fica no ar uma pergunta:

Será que nossas postagens, nossos versículos e nossa bandeira têm causado impacto positivo na mente de nossos seguidores?

A resposta é: nem sempre. Sob a alegação de pregar o Evangelho, o que tenho visto são mulheres cristãs desempenhando seu papel de forma pouco sábia. Com frequência, o que se instala não é uma pregação genuína, mas uma militância raivosa, rápida em defender o seu próprio pensamento - e mais rápida ainda em condenar o pensamento alheio. E nos esquecemos de que “a resposta branda desvia o furor, mas a resposta dura suscita a ira” (Provérbios 15:1).

Devemos avaliar com cautela antes de prosseguir. Se um comentário for magoar ou ferir alguém, não

o escreva. Não compensa ferir os outros em prol da liberdade de expressão. Se uma opinião for afastar as pessoas do Caminho de Cristo, não a expresse. Guarde-a para si. Para uma conversa frente a frente. Sem público. Não podemos erguer a bandeira de Cristo para gerar confusão e discórdia. Que possamos nos lembrar dos conselhos de Paulo:

“Portai-vos de modo que não dêis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem a igreja de Deus. Como também eu em tudo agrado a todos, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que assim possam se salvar.” (1 Coríntios 10:32-33)

Sei que muitas pessoas não têm acesso a uma Bíblia, embora em nosso meio, isso seja raro. Apesar de quase todas as pessoas em nosso país terem, em casa, um exemplar das Sagradas Escrituras, muita gente não tem o mínimo interesse em abrir a Bíblia que possui. Não querem perder tempo com leitura. Essas mesmas pessoas que, infelizmente, não lêem suas próprias Bíblias são as mesmas que nos lêem. Nos vigiam. Nos espreitam à procura do menor deslize. São leitores críticos de

nossas ações e de nossos textos nas redes sociais.

Você pode ser a única Bíblia  
que uma pessoa lê na vida.

—William J. Toms

Nosso foco é o de atrair pessoas a Cristo e não de afastar. E embora seja impossível agradar a todos, não podemos nos colocar como pedra de tropeço na vida dos outros. Antes de escrever, postar, tuitar ou comentar qualquer assunto, pense duas vezes. Ore. Se ainda tiver dúvida, opte sempre por ficar calada. *Em boca fechada, não entra mosca.*

“Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, o tal é perfeito, e poderoso para também refrear todo o corpo.

Ora, nós pomos freio nas bocas dos cavalos, para que nos obedeam; e conseguimos dirigir todo o seu corpo.

Vede também as naus que, sendo tão grandes, e levadas de impetuosos ventos, se viram com um bem pequeno leme para onde quer a vontade

daquele que as governa.

Assim também a língua é um pequeno membro, e gloria-se de grandes coisas. Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia.

A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, e é inflamada pelo inferno.

Porque toda a natureza, tanto de bestas feras como de aves, tanto de répteis como de animais do mar, se amansa e foi domada pela natureza humana;

Mas nenhum homem pode domar a língua. É um mal que não se pode refrear; está cheia de peçonha mortal.

Com ela bendizemos a Deus e Pai, e com ela amaldiçoamos os homens, feitos à semelhança de Deus.

De uma mesma boca procede bênção e maldição. Meus irmãos, não convém que isto se faça assim.” (Tiago 3:1-10)

# CAPÍTULO 6:

## Amiga de Deus

### Maria, irmã de Marta

“A intimidade do Senhor é  
para aqueles que O temem,  
aos quais Ele dará a  
conhecer a sua aliança.”  
(Salmos 25:14)

## Quedar

Em seus 33 anos na Terra, Jesus compareceu a vários eventos, realizou muitos milagres e falou a grandes multidões. Em meio à sua agenda intensa, Jesus colecionou grande número de seguidores. Embora seguido por muita gente, Ele fez questão de se cercar de algumas pessoas específicas que o acompanhavam mais de perto. E foi pensando assim que Ele escolheu apenas doze pessoas para serem seus discípulos.

Dentro deste limitado círculo, existia um grupo ainda mais restrito, o grupo dos amigos íntimos. Foram estes poucos amigos que presenciaram acontecimentos únicos da vida de Jesus, eventos que não foram vivenciados por todos os Apóstolos, mas por apenas três deles: Pedro, Tiago e João (Marcos 9:2-12).

Ele [Jesus] amava se  
relacionar intimamente com

as pessoas e penetrar na  
história e até na dor das  
pessoas com as quais  
convivia.

—Augusto Cury

Jesus gostava de se envolver com as pessoas. Prova disso é que há vários relatos de Jesus em festas e jantares, conversas e refeições. Ele estava sempre cercado de gente dos mais variados tipos. Jesus teve amigos de todos os estilos. A Bíblia cita nominalmente alguns desses amigos, incluindo Lázaro e suas irmãs, Maria e Marta.

“Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o em sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se aos pés do Senhor a ouvir-lhes os ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para o outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importa de que minha irmã

tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe pois que venha a ajudar-me. Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada.” (Lucas 10:38-42)

Como este é um livro sobre mulheres e para mulheres, vamos deixar Lázaro de fora da história, dessa vez. Imagine a cena que Lucas descreve e pense nas ações específicas dos nossos três personagens: Jesus, Marta e Maria.

1. Jesus ensinava.
2. Marta ocupava-se em muitos serviços.
3. Maria quedava-se aos pés de Jesus.

## Maria quedava-se as pés de Jesus.

Quedar não é um verbo comum. É um verbo com

cheiro de biblioteca. Eu não me considero uma pessoa velha (estou na casa dos trinta, mesmo que por pouco tempo), mas me interesso por tudo que se refere ao passado. Costumes e tradições de épocas distantes me encantam. Estilo vintage. Madeira de demolição. Histórias de bisavós. Deve ser por isso que também aprecio termos pouco usados e palavras fora de moda, com um quê de passado distante. Quedar é um desses termos.

*Quedar é poético.*

*Quedar é clássico.*

*Quedar é nostálgico.*

Quedar é, na verdade, apenas uma forma antiga de dizer “permanecer”, “estacionar”. A Bíblia diz que Maria quedava-se aos pés de Jesus, o que significa que ela assentou-se aos pés de Jesus - e por lá ficou.

Parada.

Estacionada.

Feliz da vida.

Quem já tentou achar vaga em shopping lotado em véspera de Natal sabe o que estou falando. A gente está lá, cansada de dar voltas, já desanimada com essa missão quase impossível, quando, do nada, surge aquela vaga bem em frente à entrada. O que é que a gente faz? Dá um grito, manobra e estaciona. O mais rápido que puder. É muita felicidade!

Maria ficou aos pés de Jesus, como quem tivesse achado a melhor vaga do shopping center no dia 24 de dezembro.

Ela ficou lá, quietinha, ouvindo os ensinamentos de Jesus. Maria estacionou. Sossegou a sua alma aos pés de Jesus. Desligou o motor das distrações. Aquietou-se. Ouviu. Maria percebeu que ali estava o próprio Filho de Deus.

.....

“Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus.” (Salmos 46.10)

Não sei quanto à você, mas eu não consigo ficar quieta. Preciso fazer algo o tempo todo, do contrário, me sinto inútil. Casei-me com 18 anos, fui mãe aos 19, quando cursava o segundo ano de

Medicina. Desde muito cedo me acostumei a ter muita coisa para fazer: casamento, estudo, trabalho e criança pequena.

Mais tarde foi a vez da Residência Médica, do Mestrado, das pesquisas e de mais duas filhas pequenas. Houve momentos na minha vida que acumulei um marido, três filhas, cinco empregos e uma pós-graduação. Não digo isso com orgulho, porque o acúmulo de muitas funções não é saudável. Muita coisa gera tumulto e sobrecarrega qualquer mulher, exigindo de nós o que nem sempre podemos oferecer.

Ao final de 16 anos, eu estava exausta. Cansada de tanta atividade, vivi a maior decisão da minha vida há pouco mais de quatro anos: deixar a minha profissão. Saí dos meus empregos e abri mão da vida acadêmica. Ao me mudar para os Estados Unidos para me dedicar à minha família, achei que, finalmente, eu teria um pouco de paz. Pobre de mim. Em poucos meses, eu estava novamente afogada em atividades que incluíam os afazeres da casa, o cuidado integral das crianças, textos para o blog, aulas de costura e voluntariado na igreja e nas escolas das meninas. Não bastasse tudo isso, resolvi

voltar a trabalhar, revalidar o meu diploma e escrever um livro.

*Quedar* é poético.

*Quedar* é clássico.

*Quedar* é nostálgico.

*Quedar* não é natural para mim.

Mas era natural para Maria. Ela sabia sossegar. Maria sabia que ouvir a Jesus era uma oportunidade única. Inigualável. Sem precedentes.

Naquele momento, Maria percebeu algo que Marta não percebeu. E que talvez eu e você também não tenhamos percebido.

Maria estava focada.  
Marta estava distraída.

Você se lembra do que falei há alguns capítulos, sobre um retiro nos Estados Unidos? Aquele da fogueira. Foi quando relatei que cada um escreveu

suas dificuldades no papel e depois o queimou no fogo. Eu escrevi “Medo”. Lembrou? Pois é, mas não foi só “Medo”. Eu também escrevi “Distrações”.

Distrações me atrapalham - e muito - a cumprir o propósito de Deus para minha vida. E, se você se parece um pouco comigo, deve sofrer um pouco com isso também.

Na correria dos nossos dias, não percebemos o valor de quedar. Temos tantas oportunidades para ouvir de Deus, que não nos damos conta do tamanho do privilégio. Naquela época, o que estava sendo oferecido a essas mulheres era algo inédito. Nos tempos em que Jesus andou por Israel, as mulheres não tinham o direito de sentar para ouvir um rabino. Naquele tempo, o ensino religioso era permitido somente aos homens. Lugar de mulher era na cozinha!

Mas com Jesus, sempre foi diferente. Entre tantas coisas que conquistou para as mulheres, quero destacar aqui o direito de aprender. Sem sombra de dúvida, todas as mulheres do mundo deveriam conhecer a Jesus Cristo! O que Ele fez pela Humanidade dividiu a História, mas o que Ele fez

pelas mulheres foi libertador. É o que podemos perceber em seus encontros com mulheres de Sua época. Dê uma olhada rápida nesses três exemplos e depois, confira com mais calma em sua Bíblia.

1. Na conversa com a mulher samaritana...

Mesmo conhecendo a sua origem “impura” e o seu comportamento reprovável, Jesus não vê impedimentos para que ela ouça a mensagem de Salvação (João 4:7-26)

2. Na conversa com a mulher adúltera...

Mesmo sabendo que ela havia de fato cometido um pecado cuja pena era a morte, Jesus não vê motivo para julgamento, e ao invés de oferecer-lhe a pena capital, Ele lhe concede o perdão (João 8: 1-11).

3. Na conversa com Maria de Betânia... (nossa personagem-destaque).

Mesmo sabendo que o ensino da Palavra era reservado aos homens, Jesus apoia Maria por querer aprender com Ele. (Lucas 10: 38-42).

Na conversa com essas mulheres, Jesus traz à tona alguns conceitos esquecidos ou sequer considerados pela sociedade da época:

- Mulheres, assim como homens, foram feitas à imagem e semelhança de Deus.
- Mulheres, assim como homens, são amadas por Deus.
- Mulheres, assim como homens, são perdoadas por Deus.
- Mulheres, assim como homens, podem ser amigas de Deus.

.....

“Marta, porém, andava distraída em muitos serviços.”

Marta optou por ficar na cozinha, o lugar que a cultura da época havia designado para ela. Além disso, alguém tinha que trabalhar, certo? Ela tentou, com dedicação, garantir a comida e servir os

convidados. Enquanto isso, Maria ouvia os ensinamentos de Jesus Cristo. Tranquilamente.

Sempre me identifiquei mais com Marta. Afinal, ela estava ocupada. Trabalhando. Com a mão na massa. Como Maria poderia estar tão tranquila, enquanto sua irmã andava tão sobrecarregada?

Confesso que por anos, cultivei uma pontinha de indignação com as palavras de Jesus neste texto. Afinal, aqui Jesus parece valorizar a mulher preguiçosa e menosprezar a trabalhadora. Marta estava apenas tentando deixar tudo perfeito para os convidados, entre eles o próprio Jesus. Coitada. Que injustiça!

À primeira vista, essa é a impressão. Mas, fica a dica: quando você se deparar com um texto bíblico que não compreende, não se satisfaça com sua primeira impressão. Leia mais vezes, procure respostas com atenção, peça ajuda, se preciso. É preciso olhar além da letra - e está aí algo que gosto muito de fazer. Interpretação de texto é, neste sentido, um pouco parecido com Medicina, onde nem tudo é tão claro no início. Alguns casos demandam maior astúcia para procurar sinais escondidos e sin-tomas pouco evidentes.

E foi assim, examinando essa passagem como quem procura auscultar um sopro cardíaco de pequena intensidade, com a atenção de quem quer fazer um diagnóstico raro, que eu consegui perceber a revelação do caráter perfeito de Jesus neste texto.

Eu sei que Jesus é perfeito e não há nele injustiça alguma. Essa é uma verdade imutável de seu caráter. E aí está o segredo - tanto da Medicina quanto da leitura bíblica - é preciso conhecer o indivíduo como um todo.

Jesus jamais valorizaria o preguiçoso e condenaria o trabalhador, pois Ele mesmo se considera um servo, e nos orienta a seguirmos o seu exemplo.

“Mas vós não sois assim, pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor, e aquele que dirija seja como quem serve.” (Lucas 22:26)

“Pois qual é maior, quem está `a mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está `a mesa? Pois, no meio de vós, eu sou como quem serve.” (Lucas 22:27) (Veja ainda Marcos 9:35; 10:43 e Mateus 23:11)

Não há dúvidas de que servir é uma das mais evidentes formas de se parecer com Jesus. Portanto,

a história de Marta e Maria não condenaria o serviço. De fato, este texto apenas traz um outro conceito. Um conceito essencial para impactarmos o Reino de Deus. Algo mais profundo e, por isso mesmo, mais difícil de se perceber instantaneamente.

Depois de ler e ouvir diferentes mensagens e pregações sobre este texto, acho que finalmente captei a mensagem. Anos e anos tentando compreender aquilo que estava tão evidente. Eureka! E por isso, compartilho agora com vocês essa verdade, com a mesma empolgação de quem faz um diagnóstico difícil. Jesus estava mais interessado na amizade daquelas mulheres do que no serviço delas. A grande lição:

**Jesus está mais interessado  
na nossa amizade do que no  
nosso serviço.**

Para Jesus, é mais importante ouvir de perto do que servir de longe. Ele está mais interessado em

desfrutar do nosso convívio do que em receber o serviço das nossas mãos. Então, nossas obras de serviço não são importantes para o Reino de Deus? São, sim. Mas não mais importantes do que nós mesmas! Ele tem mais prazer em nossa companhia do que ousamos imaginar. E foi por isso que Jesus disse:

“Já não vos chamo servos, mas amigos.” (João 15:15)

Em nossa ânsia de impactar o Reino de Deus tentamos substituir o “Buscar a Deus” pelo “Trabalhar para Deus”. Não é a mesma coisa. Já sabemos disso.

No diálogo com Marta, Jesus deixa claro que a melhor parte da festa é estar com Ele. É como se Ele nos dissesse:

“Você está perdendo a melhor parte. Você está longe. Chegue mais perto. Estou aqui. Estou mais interessado em seu coração, do que no trabalho de tuas mãos. Largue as vasilhas.”

“Chegue mais perto. Estou

aqui.”

A essa altura você já entendeu que o impacto no Reino de Deus é um privilégio, e não uma obrigação. Mas, Marta parecia não ter entendido. Marta estava servindo por obrigação. Porque era esperado. Porque era aceitável. Porque era sua resposta natural. Honestamente, seu coração não estava envolvido. Não havia empolgação. Não havia alegria. Ela servia com o coração rancoroso. Ela estava indignada com sua irmã. Marta estava servindo, sim, mas não tinha o coração de uma serva. E Jesus sabia.

Não adianta tentarmos “passar Deus para trás”, porque Ele conhece o que vai no nosso coração. Ele sabe quando fazemos as coisas por obrigação, Ele sabe quando dizemos “sim” querendo dizer “não”. Ele sabe quando agimos para cumprir protocolos sociais e expectativas alheias. Ele sabe quando queremos agradar aos outros e não a Ele.

Cheque seus motivos.

Se você trabalha para o Reino de Deus por obrigação, logo ficará irritada - se é que já não está.

Se você trabalha para o Reino de Deus para agradar as pessoas, logo ficará revoltada - se é que já não está.

Se você trabalha para o Reino de Deus, mas foca em quem não trabalha, você ficará indignada - se é que já não está.

É muito pesado servir a Deus por obrigação. E quer saber o pior? Com os motivos errados, todo o seu trabalho é vão.

Não estou dizendo que na vida não existem obrigações a se cumprir, pois existem. Até mesmo na obra de Deus, tem muito serviço a ser realizado. O ministério de Crianças precisa de voluntárias, a Escola Dominical precisa de professoras, o Almoço dos Jovens precisa de cozinheiras. Mas o coração precisa ir junto, senão fica difícil. É como diz um antigo provérbio italiano:

“Encontre um trabalho que você ame e nunca vai ter que trabalhar na vida.”

.....

O verdadeiro serviço deve ser encarado como uma forma de amor. Não faz nenhum sentido servir a Deus, se não amarmos a Deus primeiro. Um coração que não esteja cheio de amor por Jesus não consegue servi-lo com sinceridade. Nosso alvo deve ser sempre o amor.

Em primeiro lugar, amar a Deus. Em tudo que fazemos, desde o menor ato de gentileza ao maior ato de abnegação e renúncia, Cristo deve ser a razão. E ninguém mais. Em segundo lugar, amar ao nosso próximo. Este é nosso alvo principal, nosso mais alto objetivo, nossa maior propósito aqui na Terra. Se esta verdade estiver bem fundamentada em nosso coração, o trabalho para o Reino de Deus será realizado com alegria. E com alegria, tudo fica mais leve.

“Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas.” (Mateus 22: 37-39)

## **O perigo da primeira impressão**

Mas o que faz alguém tornar-se um amigo? Que características possuem as pessoas que amamos, as quais chamamos de amigos? Acredito que deve haver um pouco de afinidade e um mínimo de princípios comuns. Mesmo que as opiniões sejam diferentes em relação a um ou outro assunto, deve haver algum denominador comum para acontecer a amizade. Do contrário, ela nunca ocorrerá. A maioria das pessoas com quem cruzamos no nosso dia-a-dia serão apenas nossos conhecidos. Poucos - muito poucos - alcançarão nosso rol de amigos.

E como definiremos quem fica na “lista de conhecidos” e quem migra para a seleta “lista de amigos”? Como verificar essas qualidades, esses princípios, esses interesses? Como chegaremos a esse denominador comum para que a amizade ocorra? Uma das respostas é o tempo. Falando em tempo...

Nos idos de 1995, nos primeiros dias de aula da

Faculdade de Medicina de Campos, todos os alunos eram desconhecidos entre si. Um bando de meninos e meninas com pouco mais de 17 anos, vindos dos quatro cantos do Brasil. Sotaques diferentes, escolas diferentes e famílias diferentes. À partir daquele momento, porém, nos juntávamos para compartilhar uma realidade: seríamos todos futuros médicos. E estaríamos juntos nesse mesmo objetivo, pelos próximos 6 anos de nossas vidas.

Ela, assim como eu, era caloura da Faculdade de Medicina. Ao final do primeiro encontro, não imaginei que ela faria parte do meu rol de amigas. Mas veio o segundo, o terceiro. E não precisou do quarto encontro para eu perceber que estava enganada. Ela era divertida, espontânea e amável. Ela tinha tudo o que eu esperava em uma amiga. Aquela menina se tornou pouco a pouco uma das minhas melhores amigas. Uma amiga para a vida inteira.

Se eu tivesse descartado aquela amizade pela impressão do primeiro encontro, certamente teria perdido o privilégio de ter essa pessoa fantástica na minha lista de amigas. O passar dos anos trouxe realidades diferentes para cada uma de nós.

Especializações, casamento, filhos. Seguimos nossos caminhos em cidades diferentes, Estados diferentes e agora, países diferentes. A amizade rompeu o tempo e a distância. Hoje, mesmo geograficamente distantes, mantemos nossos laços de afeto. Na maioria das vezes através das mídias sociais, algumas vezes por telefone, mas sempre, no coração. Recentemente, ela enfrentou uma das batalhas mais difíceis que alguém pode experimentar nessa vida. E pude dar a ela o que havia de melhor em mim: minhas orações.

Dizem que a primeira impressão é a que fica. Por experiência própria, isso não vale para amizades. A primeira impressão pode ser enganosa e corremos o sério risco de cometer uma grande injustiça, se não oferecermos ao outro uma segunda chance. É prudente usarmos um pouco mais de tempo para desmistificar uma má-impressão, pois só o tempo nos dirá do caráter, dos princípios e das atitudes de alguém.

Nossa vida com Deus segue o mesmo princípio. Se você tem hoje uma sólida relação de amizade com Jesus, ótimo. Glória a Deus! Você tem o melhor amigo do mundo.

Mas, pode ser que você tenha apenas uma vaga ideia de quem Deus é. Pode ser ainda que você traga a ideia da sua infância, a ideia que alguém lhe passou. A impressão de um Deus rígido, bravo e pronto a castigar. Pode ser ainda que você tenha tido uma péssima experiência com alguém que se diz seguidor desse Deus. Depois disso, você passou a ver em Deus todas essas más impressões que alguém lhe causou.

Se este for o seu caso, tenho um convite para você. Não fique na primeira impressão! Dê a essa amizade uma segunda chance, ou terceira ou quarta. Entre amigos, a primeira impressão contém mais do nosso próprio preconceito (pré-julgamento) do que da realidade de fato. Eu convido você a tirar Deus da sua lista de conhecidos e movê-Lo para a sua lista de amigos.

Você não vai se decepcionar.

## **Conhecido ou Amigo**

Se você perguntar no mundo Ocidental “Quem é Jesus?” praticamente todos saberão de quem estamos falando. E se você perguntar “Você conhece

a Jesus?”, muita gente também vai dizer que sim. Pode ser que digam que Jesus Cristo nasceu em Belém. Pode ser que saibam que Jesus fez muitos milagres e que morreu em uma cruz. Pode ser até que creiam nEle, de fato. Mas, se você mudar sua pergunta para o que efetivamente interessa, perguntando “Você tem um relacionamento pessoal com Jesus Cristo?” Bem, as respostas seriam um pouco diferentes. De início, as pessoas ficariam surpresas. Depois, confusas. Finalmente, chegariam à conclusão de que você está completamente louca.

Saber quem você é - é uma coisa. Conhecer você é outra.

Saber quem é Jesus é uma  
coisa. Conhecer Jesus é  
outra.

Muitas pessoas não acreditam que um relacionamento com Deus seja possível. Mas, isso eu posso afirmar: relacionar-se com Deus através de Jesus não só é possível, como é o nosso principal

objetivo de vida. É o que de mais maravilhoso pode acontecer conosco, enquanto vivemos nesse mundo.

Maria sabia disso. Ela valorizou o seu tempo com Jesus, acima de todas as coisas. Mas muitas de nós nos parecemos mais com Marta. (Se você se parece mais com Maria, estou sentindo uma pontinha de inveja). Estamos tão atarefadas, ocupadas e distraídas que nos esquecemos de que a amizade com Jesus Cristo é nosso maior tesouro!

## O Relacionamento com Deus é a base de todo e qualquer impacto no Reino de Deus.

Conhecer é diferente. Conhecer leva tempo.

### **Amigos Íntimos**

Já dizia a minha avó que um bom rapaz se ganha pelo estômago. Na primeira vez que meu marido visitou a minha cidade, ele era apenas meu namorado. Passei o dia ansiosa por sua chegada,

cozinhando para ele um jantar especial. Ele havia viajado mais de 20 horas, de Cataguases, Minas Gerais até Goiânia, Goiás, em um ônibus lento e desconfortável. Enquanto ele aproveitava a paisagem da estrada pelos sertões afora, eu estava na cozinha, preparando pratos sofisticados e trabalhosos para esperá-lo chegar. Cozinhar sempre foi uma das minhas paixões.

Preparei um jantar tradicional que levou horas (eu queria impressionar). Entrada, sopa, prato principal. Salada, suco, sobremesa. Fiz tudo com muito empenho e capricho para agradar meu namorado, que futuramente se tornaria meu marido e pai das minhas filhas.

Finalmente, ele chegou! Com apetite voraz depois de uma viagem tão longa, experimentou de tudo. Eu queria que ele comesse cada uma das especialidades e ainda repetisse! Era tão magrinho...

Tentando agradar, eu servia cada vez mais comida no prato do rapaz, e ele, tentando me agradar, aceitava tudo e mais um pouco. Foi comendo calado, embora eu notasse que estivesse suando.

Ah, o amor!

Alguns anos se passaram e eu aprendi que não

precisa de alta cozinha para agradar meu marido. Muito pelo contrário. Sei que ele aprecia quase tudo que eu cozinho. Mas, tem um prato que é sempre garantia de sucesso: Arroz com ovo e salada de tomate (entenda-se por salada de tomate, apenas tomate). Seria bem mais simples saber disso há vinte anos.

Em nosso relacionamento com Deus, acontece coisa parecida. No início, não sabemos como agradá-Lo - e também não sabemos o que vai desagradá-Lo. Cometemos muitos erros, achando que estamos agradando a Deus, quando de fato, não estamos. Às vezes, o que Deus quer de nós é simples, a gente é que complica. Por isso, precisamos de tempo para conhecê-Lo.

Ainda bem que Deus não nos deixa no escuro. Ele fala tudo em Sua Palavra! Tudo o que Ele gosta, tudo o que Ele não gosta. Você sabia que Ele explicou até mesmo o que Ele detesta (Provérbios 6: 16-19)? Não temos que ficar tentando imaginar como agradá-Lo, e nem precisamos ter medo de desagradá-Lo, como quem anda sobre uma corda bamba. Ele não seria um Deus de amor se fosse assim! Ele deixou tudo escrito na Bíblia, disponível

para quem quiser.

Além da Bíblia, que é a Palavra de Deus, Ele também nos deixou o seu Espírito vivendo dentro de cada uma de nós, suas filhas. Temos hoje um privilégio ainda maior do que aquele de Marta e Maria. A elas foi dada a oportunidade de conviver com Jesus por um breve espaço de tempo. Mas nós podemos tê-Lo todos os dias. Dentro das nossas casas. Coisa de amigos íntimos.

Amigos íntimos estão presentes em momentos bons e ruins. Amigos íntimos não precisam de casa arrumada, eles ajudam a arrumar a casa. Amigos íntimos não precisam de almoço especial na sala de jantar, comem arroz com ovo na cozinha. Amigos íntimos não tem hora para chegar e nem cerimônia para chamar. Amigos íntimos conhecem nossas vitórias e nossas derrotas. Nossos acertos e erros. Nossos mais profundos segredos.

E eles nos amam mesmo assim.

Maria não era somente amiga de Jesus - Maria era amiga íntima de Jesus. Outros textos suportam esse fato.

No Evangelho de João, Maria está novamente, aos pés de Jesus. Dessa vez, porém, ela cai a seus pés

para derramar a sua alma e rasgar seu coração pelo falecimento de seu irmão Lázaro. “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.” Ela não pede nada; apenas expressa a sua tristeza, sem reservas. Ao mesmo tempo em que derrama perante Jesus a sua dor, Maria mostra a sua decepção pelo atraso do Senhor (João 11:32). Maria não se contrange; é transparente em suas ações, como amigos íntimos devem ser. Sem disfarces, sem medo de ofender. Ela não esconde de Jesus o que sente. Honestamente, ela lamenta o fato de que as coisas não saíram do jeito que ela queria. Só amigos íntimos têm essa liberdade.

Em outra cena, Jesus está presente em um jantar entre amigos e Maria, sua amiga, está mais uma vez aos seus pés. Este parece ser o lugar preferido dela! Em atitude de profunda adoração, Maria derrama sobre os pés de Jesus um precioso perfume. Ela está na verdade, preparando o corpo de Jesus para a morte, coisa que nem mesmo os discípulos entendem completamente. Mas, ela entende. Por ser amiga íntima de Jesus, ela compreende que o plano divino envolve a Sua morte. Em seu coração de adoradora, Maria é a primeira pessoa a compreender

que os dias de Jesus na Terra estão prestes a chegar ao fim (Lucas 12:3).

## Intimidade com Deus é estar aos pés de Jesus.

Como amigas de Deus, sabemos que podemos contar com Ele em todos os momentos. Podemos estar com Ele em jantares, festas e celebrações, mas também podemos clamá-Lo no dia da angústia e da decepção. No dia do luto, podemos nos debruçar aos seus pés e lamentar; nos debruçar aos seus pés e despejar as nossas frustrações; nos debruçar aos seus pés e chorar.

Podemos nos aproximar dEle, mesmo quando não temos nada a dizer. Podemos, simplesmente, adorá-Lo.

Aos pés de Jesus.

Desligue o motor.

Estacione.

Essa é a melhor vaga do mundo.

# CAPÍTULO 7:

## Conclusão

Eu e você

“Porque dEle, por Ele e para  
Ele são todas as coisas”.

(Romanos 11:36)

## **Finalizando**

No primeiro capítulo deste livro, compartilhei com você essa frase.

Deus escolheu mulheres comuns, de formas variadas, em diferentes posições sociais e em distintos momentos de sua vida pessoal para alcançar o Seu propósito e impactar o Seu Reino.

Era importante que fosse uma frase única. Agora que o livro está chegando ao fim, vou facilitar as coisas e dividir a frase para você. Afinal, você permaneceu firme até agora. Você merece.

## Deus escolheu mulheres.

Apesar do contexto patriarcal da sociedade dos tempos bíblicos, Deus não se revelou apenas a homens. Só essa constatação já seria, por si só, suficiente para nos deixar boquiabertas. Não estamos falando do século passado; estamos falando de mais de 2.000 anos atrás! Em alguns casos, mais de 3.000! Deus usa quem Ele quer, quando Ele quer e como Ele quer. Deus não se limita a tempo, espaço ou gênero. Ele vai sempre além do que podemos imaginar.

## Deus escolheu mulheres comuns.

Donas-de-casa, esposas, mães. Solteiras, casadas, viúvas.

Patroas, empregadas, escravas. Honradas e marginalizadas.

Judias e estrangeiras. Virtuosas e prostitutas. Rainhas e plebeias. Não havia nada de

extraordinário nelas. Algumas nem sequer tiveram seus nomes mencionados nas Escrituras. Mas, isso não as impediu de causar impacto no Reino de Deus.

## Deus escolheu mulheres comuns de formas variadas.

O Reino de Deus é lugar de variedade, de criatividade. Cada uma de nós é diferente e não menos importante para Deus. Nossos dons e talentos variados são igualmente valiosos quando nos colocamos à disposição dEle.

## Deus escolheu mulheres comuns de formas variadas em diferentes posições sociais.

Dessa forma, o plano de Deus foi cumprido em

todas as esferas da sociedade. Muito dinheiro não foi necessário. Pouco dinheiro não foi empecilho. Deus usou mulheres com os recursos que elas tinham. Ele também pode nos usar com os recursos que nós temos.

Deus escolheu mulheres  
comuns, de formas variadas,  
em diferentes posições  
sociais, e em distintos  
momentos de sua vida  
pessoal.

Meninas e jovens, adultas e idosas: todas tiveram oportunidades para refletir a luz de Deus no mundo. Todas as estações da vida são valorizadas por Ele. Se você é muito nova, não precisa esperar. Se você já é idosa, não precisa desanimar. Sempre houve lugar para todas as idades no Reino de Deus.

De fato, não existe nenhum padrão entre as mulheres escolhidas por Deus para compor os

relatos bíblicos. Essas mulheres foram meros instrumentos imperfeitos nas mãos de um Deus perfeito. Mulheres que não se esconderam atrás de suas inadequações, mas se dispuseram a ser vasos nas mãos do Criador. Mulheres como eu e você.

## Impactar o mundo e proclamar o Reino não depende da nossa performance.

Deus não usa ninguém perfeito. Ainda bem. Mesmo imperfeitas, estamos habilitadas a causar o mesmo impacto que essas mulheres da Bíblia causaram em sua época. Podemos ser como Rute, como Débora, ou como qualquer uma delas. E por que falo isso com tanta certeza? Porque este impacto não vem de nós. É dom de Deus. Presente. Herança. Tanto faz. O que importa é que todo esse tesouro pertence a Deus, mas Ele se agradou em nos dar.

Deus nos concedeu, através de Jesus Cristo, tudo que é necessário para impactar o mundo. Toda a empatia. Toda a ousadia. Toda a fé. Toda a sabedoria. Toda a renúncia. Toda a generosidade. Toda a Palavra. Toda a amizade. Todo o amor. Essa é a essência da nossa herança em Cristo Jesus. Receba-a com gratidão. Use-a com o propósito de glorificar a Deus. E finalmente, deixe-a, como o mais valioso legado que alguém pode deixar.

Quando reconhecemos que sem Ele nada somos, Ele nos usa com poder. Com impacto. Ele é o começo, o meio e o fim de tudo.

“Porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas”.

(Romanos 11:36)